# ANEXO II

Seleção de alguns exemplares do jornal Novos Rumos

NOVOS RUMOS

ANO I — RIO DE JANEIRO, SEMANA DE 28-2 A 6-3 DE 1959 — N.º 1

5 CRUZEIROS

## Levantando As Cortinas Da COFAP

# MÁQUINA DE VOTAR AUMENTOS ACIONADA PELO CEL. MINDÊLO

**Pode ser uma arma contra a carestia mas se transformou em QG dos exploradores do povo — Duas eminências pardas: Nilo Sevalho e Boré — Dispondo de um crédito rotativo de 400 milhões de cruzeiros e apesar das exigências de lei, a Presidência da COFAP não publicou ainda um só balancete de 1958 — Onde aparece o general Nelson de Melo comprando três latas de azeite — A vontade dos trabalhadores: manutenção da COFAP, mas democratizada**

Os conselheiros da COFAP trocavam entre si um riso ao mesmo tempo malicioso e cúmplice quando o coronel Frederico Mindêlo, aparentando certa emoção, afirmou para o plenário:

— Temos uma preocupação fundamental: defender os produtores, os consumidores é a nossa comissão!

Eram as palavras finais de um discurso do presidente da COFAP, pronunciado numa sessão em que êsse órgão decidira aumentar de uma só vez os preços de vários gêneros de consumo. O riso [illegible] dos conselheiros fôra provocado pela referência feita à "defesa do consumidor". Embora percebessem que o coronel Mindêlo queria se referir à própria Comissão de Preços, não puderam os conselheiros evitar que as idéias se associassem. O que lhes ocorreu à lembrança foram as comissões — as percentagens [illegible] que se regulam depois de cada aumento concedido. E riam por aquilo que parecia uma confissão inesperada.

Este episódio caracteriza bem a situação atual da COFAP.

### ARMA CONTRA A CARESTIA

Não foi para isto, entretanto, que se criou a Comissão Federal de Abastecimento e Preços. O seu surgimento, por iniciativa de Getúlio Vargas, data de 1951. Destinou-se segundo a lei n. 1.522, que a instituiu, a intervir no domínio econômico "para assegurar a livre distribuição das mercadorias e serviços essenciais ao consumo do povo". Fundamentando a necessidade de sua criação, disse Vargas em mensagem ao Congresso que a COFAP seria uma arma "para combater a carestia da vida e enfrentar com enérgica vontade a especulação e as manobras anti-sociais dos exploradores da economia popular". Múltiplos e vastos poderes foram conferidos ao novo órgão, desde os de disciplinar a circulação dos bens e a distribuição das matérias primas, até o de estabelecer o racionamento dos serviços públicos e bens essenciais à população, assim como os de requisitar meios de transportes e armazenagem. Apoiando-se numa rêde de COAPs (nos Estados) e COMAPs (nos municípios), a Comissão poderia exercer a sua ação efetiva sôbre todo o território nacional. Pelos poderes que tem e os recursos de que pode dispor estaria a COFAP em condições de funcionar como o grande atacadista do país, assegurando o abastecimento da população e contribuindo para ao menos aliviar a carestia da vida.

Na realidade, a Comissão jamais cumpriu de modo satisfatório as suas funções. De baluarte que devia ser na luta contra a carestia, a COFAP se transformou, ao longo dêstes oito anos, no verdadeiro QG dos aumentos de preços. Houve alguns instantes em que ela, episòdicamente, se colocou ao lado do povo. Em 1955, por exemplo, no govêrno udeno-golpista do sr. Café Filho, quando era ministro da Fazenda o entreguista-mor Eugênio Gudin, o general Panfilo França, seu presidente então, não concordou com a elevação do preço da gasolina, exigido pelos trustes. Foi demitido.

Hoje, no comando do QG da carestia se encontra o coronel de Infantaria Frederico Mindêlo que, se não costuma brilhar pela inteligência, sobressai pela presteza [illegible] com que costuma estar à frente da COFAP para conceder os aumentos que lhe são pedidos.

### A TEMPESTADE E O GUARDA-CHUVA

Seria um êrro, evidentemente, atribuir apenas à COFAP a responsabilidade pela orgia de preços que torna cada dia mais insuportáveis as condições de vida para as massas populares. Assim como seria injusto fazer do coronel Mindêlo o bode expiatório. O problema é muito mais complexo e tem as suas raízes na política econômico-financeira realizada pelo govêrno. Isto em poucas palavras, [illegible] o govêrno dá livre curso [illegible] fatôres que concorrem para a carestia, [illegible] a COFAP como um órgão de fachada e, quando as coisas mostram o povo nas ruas lutando contra a fome, lança ameaças e promessas demagógicas e [illegible] congelamento. A impressão que dá o sr. Juscelino Kubitschek, nesse terreno, é a de alguém que desencadeasse uma tempestade e [illegible] depois aquilo [illegible] abrindo um grande guarda-chuva. É um guarda-chuva, na casa da COFAP, conservado num lugar onde ratos e cobras possam à vontade.

O tratamento que dá o govêrno à COFAP, entregando-a à propriedade do coronel Mindêlo e fingindo ignorar tudo quanto ali se passa, é afinal um aspecto da tendência antipopular que vem se acentuando no atual govêrno. Se de um lado prossegue a política do sr. Lucas Lopes, levando a altas sucessivas de preços, de outro lado a COFAP é entregue ao Deus dará (ou ao coronel Mindêlo), desmoralizando-se dia a dia em face da opinião pública. A luta contra a carestia envolve, por isso mesmo, êsses dois aspectos principais: a exigência de uma nova política econômico-financeira e a adoção de medidas capazes de levar a COFAP a cumprir as finalidades para que foi criada.

O coronel Frederico Mindêlo é quem aciona a máquina de aumento de preços a que está reduzida a COFAP

### NO REINO DO EMPIRISMO

Em julho próximo expirará o prazo de prorrogação, concedido pelo Congresso, da vigência da lei que criou a COFAP. Os partidários da [illegible] já se [illegible] tentando [illegible] do Parlamento a extinção da Comissão de Preços. As organizações sindicais e populares, por outro lado, [illegible] pela manutenção da COFAP, [illegible] providências que [illegible] e efeitos.

Isto pode e deve ser feito. Mas para que tal aconteça é necessário, antes de tudo, que o govêrno encare com seriedade o problema da COFAP. É o que não [illegible] atualmente. Basta lembrar que o presidente dêsse órgão, [illegible] Além do mais, o coronel Mindêlo não revela o menor pendor pelo estudo de problemas econômicos, [illegible] como administrador. O presidente da COFAP só estaria bem num lugar para o qual fôsse exigido um policial. Na presidência da COFAP, o coronel é um [illegible]

[illegible] aumentos de preços [illegible] pela COFAP [illegible] O Departamento de Planejamento e Preços da COFAP [illegible] estudos [illegible] apenas formal. [illegible] Conselho Coordenador [illegible] a COFAP [illegible]

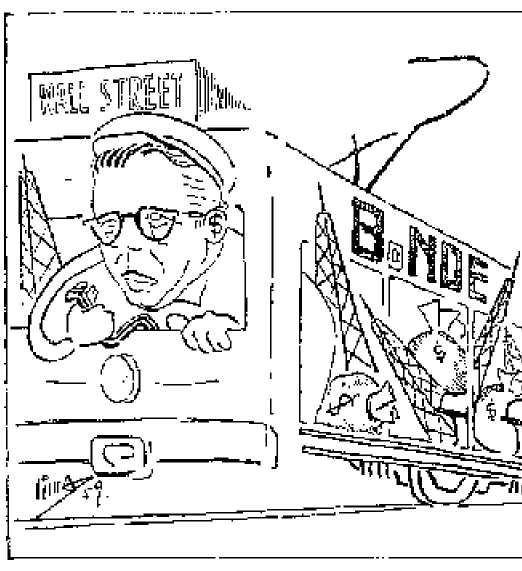
### O CERNE [illegible]

[illegible] a COFAP tem o seu presidente [illegible] plenário. [illegible] pela lei n. 1.522, os poderes da COFAP são entregues ao Conselho, cabendo ao presidente uma função apenas executiva. As coisas, porém, [illegible] hoje, [illegible] o coronel Mindêlo. [illegible] o Conselho se [illegible] usurpação de poderes. [illegible] em que os consumidores não estão representados, o Conselho da COFAP [illegible] aumentos propostos pelo coronel Mindêlo.

Aí está um ponto fraco essencial da COFAP: o Conselho. Compõe-se de 13 representantes. Cinco [illegible] e [illegible] patronais: comércio, indústria, lavoura, pecuária e cooperativas de produção. Seis constituem a [illegible] governamental: [illegible]

(Conclui na [illegible] página)

## BOB, O MOTORNEIRO




# Nossos Propósitos

Este jornal surge da necessidade de assegurar ao pensamento de vanguarda da classe operária um órgão de difusão mais vivo e atuante, mais capaz, portanto, de participar e influir na grandiosa luta que trava o povo brasileiro pela emancipação nacional, a democracia e o progresso social.

NOVOS RUMOS integra-se com entusiasmo e ânimo combativo na frente unitária das fôrças nacionalistas e democráticas, que lutam por superar os obstáculos ao desenvolvimento independente e progressista do país: a dependência ao capital monopolista estrangeiro, o atraso da estrutura agrária. Empenhamo-nos sinceramente na tarefa comum de forjar a unidade de tôdas as correntes patrióticas e populares, compreendendo que esta unidade é fator básico para a vitória do povo brasileiro sôbre o imperialismo norte-americano e seus agentes internos.

No movimento nacionalista e democrático, NOVOS RUMOS situa-se do ponto-de-vista dos interêsses da classe mais revolucionária, o proletariado. Consideramos que a classe operária, incorporando-se à luta geral da nação por seu desenvolvimento independente, tem, simultâneamente, o dever histórico de defender seus próprios interêsses, mantendo sua independência no terreno ideológico e político. Cabe à classe operária a missão de impulsionar de modo conseqüente o movimento nacional e democrático e, após a realização dos objetivos fundamentais da atual etapa da revolução brasileira, conduzi-lo para a consecução de objetivos mais avançados, para a vitória do socialismo. NOVOS RUMOS abre suas páginas à luta pela unidade e organização do movimento operário, às campanhas em defesa das reivindicações vitais e imediatas dos trabalhadores.

Frente aos problemas do mundo, NOVOS RUMOS coloca-se ao lado das fôrças do progresso e da paz, ao lado dos países socialistas, dos povos libertados da opressão imperialista e daqueles que ainda lutam, como nós, para quebrar as cadeias da dependência nacional.

Jornal do pensamento operário de vanguarda, NOVOS RUMOS fundamenta sua apreciação dos acontecimentos nos princípios do marxismo-leninismo, a única concepção revolucionária do desenvolvimento da sociedade que teve sua validade comprovada pelos fatos nos últimos cem anos. À luz dessa teoria que transforma o mundo, nos dispomos a interpretar a realidade de nosso país, tendo em conta suas particularidades específicas. Esperamos contribuir, dêste modo, para a educação e o esclarecimento dos trabalhadores brasileiros para a formação de sua consciência política.

Adotar as idéias do marxismo não significa, porém, fechar-se em atitude de isolamento sectário. O marxismo-leninismo é contrário, por princípio, a todo sectarismo, porque as transformações revolucionárias não são fruto da ação de pequenos grupos de líderes desligados das massas, e sim da atuação histórica das próprias massas. Em razão disso, não pretendemos ser um jornal que interesse apenas aos comunistas. Desejamos que NOVOS RUMOS possa levar o pensamento de vanguarda a círculos mais amplos dos trabalhadores e do povo.

A equipe que faz NOVOS RUMOS não desconhece as dificuldades de tôda ordem que terá de enfrentar para cumprir sua missão. Estamos certos, porém, de que tais dificuldades serão vencidas, se contarmos com o apoio dos trabalhadores e do povo. Êste apoio não significa apenas estímulo, ajuda e compreensão. Significa também a crítica franca e a opinião sincera.

Primeira edição do Novos Rumos, jornal legal do PCB dirigido por Mário Alves.

FOGUETES SOVIÉTICOS — *Seus modêlos são também expostos em Nova Iorque. Levando cões a bordo, a título de experiência em vôos nos espaços cósmicos, os foguetes soviéticos já ultrapassaram há muito o limite dos 400 quilômetros.*

# A URSS EM NOVA YORK

**A 30 de junho, inaugurou-se no Edifício Coliseu, em Nova Iorque, uma grande Exposição soviética.**

**São 10 mil objetos, desde maquetes de centrais atômicas, do quebra-gêlo atômico "Lênin", dos sputniks e dos foguetes intercontinentais, até automóveis, tratores, teleguiadas, objetos de arte, amostras das conquistas dos cientistas soviéticos no terreno da física nuclear, da química, da automatização e da mecanização dos processos de trabalho, da instrução e sua ligação com a vida, da utilização da energia atômica para fins pacíficos.**

**Como é natural (e já aconteceu na Exposição Internacional de Bruxelas, no ano passado) os americanos demonstram particular interêsse pela seção dedicada às conquistas soviéticas no estudo dos espaços cósmicos e à solução dos problemas ligados aos vôos interplanetários. Os americanos vêem, pela primeira vez, em tamanho natural, os modelos dos três satélites soviéticos da Terra.**

**Vejamos, em breves traços, alguns aparelhos curiosos fabricados pela indústria soviética:**

**1** Um aparelho automático comum para venda de refrescos. Mas não é tão comum assim. Se dêle se aproxima um homem, serve-lhe um refrêsco incolor; se é uma mulher que se aproxima, o refrêsco é de cor grená. E o aparelho não se engana uma só vez. Baseia-se o seu funcionamento numa célula fotoeletrônica. Êste princípio pode ser aplicado a operações mais sérias. A Usina elétrica de Krasnoiarsk, por exemplo, de 4 milhões e 200 mil quilowatts, tem suas eclusas movidas automàticamente à distância.

**2** Aqui uma cadeira elétrica. Mas não se destina a eletrocutar ninguém. Ao contrário, destina-se a restaurar as fôrças das pessoas fatigadas. Ao sentar-se alguém, a cadeira e ligada e o corpo sente os efeitos de uma vibração que, depois de alguns minutos, faz desaparecer todo sinal de cansaço.

**3** Adiante, um gerador de tensão de um milhão de volts, que produz raios artificiais. Aparelhos elétricos portáteis cuja fonte de energia é o Sol.

**4** A soldagem pelo som. Esta máquina destina-se a soldar metais a frio. O ultra-som obriga os átomos a passarem de um pedaço de metal a outro, soldando-os. Adiante, uma instalação para fabricar tubos e fitas de metal fundido prescindindo de tôda elaboração mecânica. Um jato de plasma é lançado a uma temperatura de 30 mil graus Celsio e é capaz de fundir qualquer material, inclusive a cerâmica.

**5** Um aparelho destinado a medir milésimos de segundo. Êste aparelho que emite raios luminosos registra com grande exatidão o número de partículas cósmicas que nos cercam ou fenômenos tão rápidos como o vôo de uma bala ou o de um foguete.

**6** Os soviéticos estão expondo também um novo tipo de trator: trator teleguiado, que lavra a terra sem necessitar de tratorista. Esta máquina já passou da fase experimental e está sendo empregada nos campos da URSS.

—o—

Êstes são alguns exemplos dos progressos da ciência e da técnica na União Soviética.

Mas a Exposição da URSS em Nova Iorque não se limita aos avanços no domínio da ciência e da técnica de vanguarda.

Os soviéticos procuram dar a conhecer, da melhor maneira possível (e que jamais pode ser completa através de uma exposição) o sistema de instrução e, em particular, a preparação de quadros científicos, assim como o fortalecimento dos laços entre a Escola e a vida.

—o—

Outra seção da Exposição de Nova Iorque que tem interêsse para desfazer preconceitos e idéias falsas sôbre a URSS é dados da produção de bens de consumo, do aumento do bem-estar do povo soviético, de seu nível cultural, do desenvolvimento da saúde pública. É dada uma idéia das proporções enormes em que se realiza atualmente a construção de edifícios residenciais na URSS.

—o—

A Exposição Soviética de Nova Iorque tem um notável mérito: proporcionar aos norte-americanos uma visão panorâmica da URSS, embora incompleta, é claro. O povo norte-americano demonstra curiosidade crescente pelas realizações do povo soviético. Durante cêrca de 40 anos procuraram convencê-lo de que o socialismo reduziria os povos da URSS à miséria, ao atraso mais completo, à ruína econômica. Os sputniks foram como que um desmoronado retumbante à propaganda mentirosa do anti-socialismo e do anticomunismo sistemáticos. O povo norte-americano (e muitos outros povos) recordaram para a realidade. E agora, na Exposição Internacional de Bruxelas (...) 1958) e na de Nova Iorque, começam a conhecer a verdadeira face da potência socialista: suas realizações, cada vez mais harmônicas, no domínio da ciência, da técnica, da cultura.

A Exposição Soviética de Nova Iorque vai contribuir decisivamente para o americano comum ter uma representação mais exata da vida do povo soviético.

Será também uma contribuição ao reforçamento das relações amistosas entre a URSS e os Estados Unidos, tão seriamente abaladas nos anos da guerra fria mas que podem restaurar-se nos moldes de antes da Segunda Guerra Mundial e dos tempos da guerra, quando os dois países foram aliados na luta comum contra o fascismo.

## CRÔNICA INTERNACIONAL

★★★★★★★★★★★★★★

### INTERVENCIONISTAS NA OEA

Prossegue a farsa da OEA. A reunião de 5 de julho dessa Organização, em Washington, não deixa mais dúvidas quanto às verdadeiras intenções das que a promoveram: atribuir-lhe na prática o papel que lhe destinaram seus inspiradores — instrumento de intervenção nos assuntos internos dos países da América Latina. Jamais poderá passar pela cabeça de alguém que a OEA vê intervir de qualquer forma nos Estados Unidos. Mas tentam-se fazer com que intervenha em países como a Venezuela ou Cuba, de onde as ditaduras foram varridas e onde se estabeleceram as liberdades democráticas.

As últimas reuniões da Organização dos Estados Americanos foram convocadas para servir precisamente aos propósitos das remanescentes ditaduras de se manterem no poder a ferro e fogo. As "acusações" partem desta vez do sanguinário tirano Trujillo, da República Dominicana, contra supostas tentativas de invasão de seu território.

A maneira como reagiram os representantes de Cuba e Venezuela foi perfeitamente legítima: de repúdio às sórdidas manobras do ditador dominicano. A Venezuela recusou-se inclusive a comparecer a reuniões semelhantes. Foi um escândalo que as agências telegráficas americanas tentaram abafar, temendo a propagação de uma espécie de revolta dos anjos contra o "Colosso" do Norte.

Mas a manobra continua. Cogita-se agora de aplicação do Tratado do Rio de Janeiro (de 1949), concebido e realizado no período ascendente da guerra fria, objetivando naquele momento amarrar os países da América Latina em alguma aventura guerreira dos Estados Unidos. Agora, o feitiço volta-se contra o feiticeiro — ou melhor, contra os que se deixaram enfeitiçar pelas armadilhas do Departamento de Estado de Washington: São ditaduras em agonia que lançam mão do Tratado do Rio de Janeiro ("proteção do hemisfério ocidental contra agressão exterior...") para subsistir num mundo que já não as compreende.

Como a proposta dominicana invocando o Tratado do Rio de Janeiro deixa os Estados Unidos em apuros (por terem sido os seus inspiradores), surgiu uma formula conciliatória que também serve às maravilhas aos interêsses dos imperialistas ianques. Trata-se de convocar uma reunião dos chanceleres do Continente.

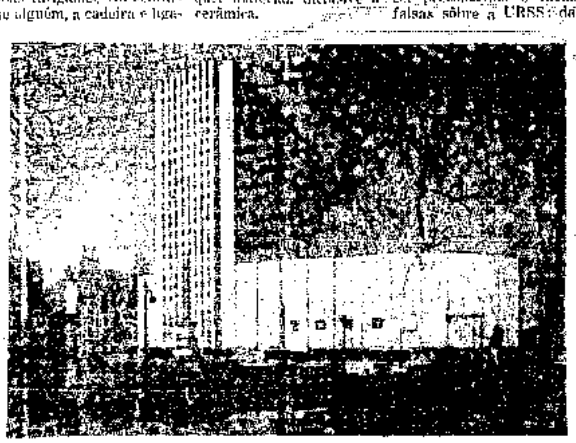
É sintomático que esta última sugestão tenha partido de outra ditadura, através de seu representante na Organização dos Estados Americanos, o de Haiti. "Isto permitiria aos ministros atenuarem em conjunto a situação nas Antilhas, em vez de limitar-se às acusações da República Dominicana" — opinam os propagandistas dessa fórmula.

Justamente isto querem os Estados Unidos. Porque o que inquieta a Washington não é propriamente a República Dominicana e Cuba. É o estado de ânimo acendido nas Antilhas pela eclosão do movimento revolucionário cubano, e seus reflexos evidentes em tôda a América Latina.

Não podemos esquecer que, consultado o govêrno de Fidel Castro, o Departamento de Estado concordou uma reunião (cujos resultados ficaram secretos) de embaixadores norte-americanos nas Antilhas. Êste fato é um dos sintomas das sérias de justificadas apreensões de Washington. Através da convocação de reunião dos chanceleres do Continente pretende-se firmar de qualquer forma o direito de intervenção nos assuntos domésticos dos países da América Latina.

Aí está mais uma evidência de que os imperialistas preferem as ditaduras, que vivem às suas custas, e lhes servem melhor, contra os povos que oprimem.

*O Presidente Eisenhower e o Vice-Presidente Nixon foram dos primeiros visitantes à exposição soviética em Nova Iorque. Aqui os vemos palestrando com o Vice-Presidente do Conselho de Ministros da URSS, Kozlov.*



O COLISEU — *Êste é o edifício nova-iorquino onde foi instalada a Exposição soviética. Três andares são ocupados com os 10 mil amos tras da Exposição.*

O QUEBRA-GÊLO ATÔMICO — *Na Exposição soviética em Nova Iorque é alvo de grande interêsse dos visitantes a maquete do primeiro quebra-gêlo atômico do mundo, construído pelos soviéticos e que tem o nome de "Lênin".*

NOVOS RUMOS
Diário-Livre
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmon Borges
REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Chiaverini
MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 8.º andar, S/805
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS
Anual .... Cr$ 250,00
Semestral . " 130,00
Trimestral . " 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte
N. avulso .. Cr$ 5,00
N.º atrasado . " 8,00

# Um Conceito Unilateral Do Nacionalismo

## (A margem do «Dicionário Filo sófico» de Iudin e Rosental)

MÁRIO ALVES

Alguns leitores brasileiros do "Dicionário Filosófico Abreviado", de M. Rosental e P. Iudin [1] manifestaram-se surpresos diante do critério empregado na elaboração do verbete "nacionalismo". Ali se define o nacionalismo como "ideologia e política da burguesia que tende a excitar os ódios nacionais entre os trabalhadores, a reforçar o domínio de uma nação sôbre outra". Em mais de uma página de texto, a apreciação do nacionalismo, como ideologia e como política, é feita de maneira puramente negativa. Isto suscita naturalmente a interrogação: — Como conciliar esta opinião de uma obra marxista com a atitude dos comunistas brasileiros e de outras nações dependentes, que caracterizam o nacionalismo de seus países como um fenômeno progressista?

A nosso ver, existe realmente uma discrepância no modo de focalizar a questão. Os autores do Dicionário Filosófico preocuparam-se em oferecer uma definição geral do nacionalismo, sem atentar para o seu condicionamento histórico. A formulação encontrada encerra parte da verdade, mas peca pela unilateralidade e não reflete em sua plenitude a essência do fenômeno nacionalismo como êle se manifesta no mundo de hoje.

O nacionalismo burguês, do ponto-de-vista marxista, precisa ser situado historicamente. Houve uma época em que o nacionalismo expressava as aspirações da burguesia revolucionária em sua luta contra o fracionamento feudal, pela formação e consolidação dos Estados nacionais modernos. [illegible] dos Estados europeus, a questão nacional foi considerada, durante certo tempo, como o problema de algumas nacionalidades oprimidas que não gozavam da plenitude de direitos (irlandeses, húngaros, poloneses, tchecos, etc.). A passagem do capitalismo à sua fase imperialista alterou, entretanto, os têrmos do problema, porque dividiu o mundo de um um punhado de nações opressoras e um grande número de nações oprimidas. A questão nacional converteu-se, de um problema interno de alguns Estados europeus, no problema da libertação dos povos coloniais e dependentes do jugo imperialista. Nestas condições, não se pode deixar de estabelecer uma clara distinção entre o nacionalismo das potências colonizadoras e o nacionalismo dos países coloniais e dependentes, que se forma na luta contra a opressão imperialista e tem, portanto, um caráter revolucionário e progressista.

Eis porque Lenin exigia que o nacionalismo fôsse considerado sempre em têrmos concretos: "Ja [illegible] sobre a questão nacional — dizia êle em 1916 — que não serve para nada a colocação abstrata da questão do nacionalismo em geral. E' necessário distinguir o nacionalismo da nação opressora e o nacionalismo da nação oprimida, o nacionalismo da grande nação e o nacionalismo da nação pequena" (V. I. Lenin: "Sôbre a questão das nacionalidades ou da 'autonomização'", edição russa, 1956, pág. 26).

Quando se trata de definir o nacionalismo no mundo atual, onde se verifica um poderoso despertar do sentimento nacional nos povos coloniais e dependentes, não se pode fugir à pergunta: — De que nacionalismo burguês se trata? Se a que se [illegible] em [illegible] é o nacionalismo de nação opressora, não cabe dúvida de que êle tende a "reforçar o domínio de uma nação sôbre outra", como afirma o Dicionário Filosófico. Mas se referimos do nacionalismo de uma nação oprimida, a caracterização feita [illegible] não é aceitável porque desconhece um aspecto fundamental do fenômeno. Lenin sublinhou precisamente este aspecto, ao dizer: "Em todo nacionalismo burguês de uma nação oprimida há um conteúdo geral democrático contra a opressão, e a êsse conteúdo prestamos um apoio incondicional" (V. I. Lenin: Obras — tomo 20, pág. 424).

Consideramos o nacionalismo burguês dêsse ponto-de-vista histórico concreto, como o exige o método dialético marxista, devemos necessariamente rejeitar a seguinte conclusão do Dicionário Filosófico, apresentada com um caráter de generalização: "O imperialismo atual utiliza o nacionalismo burguês para conservar seu sistema colonialista, para lutar contra o movimento de libertação nacional dos povos que oprime, para debilitar o campo da paz, da democracia e do socialismo". Essa tese só é verdadeira na medida em que tomarmos o nacionalismo burguês como atributo das potências colonizadoras. Se lhe dermos um caráter geral, ela se converte, porém, numa absurdo, porque o nacionalismo burguês dos países coloniais e dependentes é uma arma contra o sistema imperialista e não debilita, mas, ao contrário, fortalece o campo da paz, da democracia e do socialismo.

A nos guiarmos pelo verbete do Dicionário Filosófico, jamais poderemos distinguir, por exemplo, o nacionalismo dos "ultras", que representa os interêsses da burguesia colonialista francesa, do nacionalismo do "govêrno provisório" da FLN, que exprime os anseios da burguesia argelina. E não se pode diminuir a importância dessa distinção, a pretexto de que se trata, em ambos os casos, de um mesmo conceito geral, ou seja, do nacionalismo burguês. Porque essa distinção implica uma das contradições mais vivas e profundas de nossa época, contradição que nenhum marxista pode desconhecer se quer contribuir acertadamente para a luta revolucionária contra o sistema imperialista.

Tendo em vista o enorme significado dessa contradição é que Lenin afirmou, já em 1919, dirigindo-se ao Congresso dos Comunistas dos Povos do Oriente: "Tereis que apoiar-vos em nacionalismo burguês que desperta nesses povos, nacionalismo que não pode deixar de despertar e que tem sua justificação histórica" (V. I. Lenin: Informe no Congresso de tôda a Rússia das Organizações Comunistas dos Povos do Oriente — Moscou, pág. 131. Lenin fundamentava assim a necessidade da frente única entre o proletariado e os nacionalistas burgueses dos países oprimidos, partindo de que o nacionalismo nestes países "tem uma justificação histórica", desempenha um papel progressista, porquanto expressa a tendência ao desenvolvimento independente e é um instrumento da luta antiimperialista.

Evidentemente, em nenhum caso o nacionalismo burguês pode ser a ideologia do proletariado revolucionário. Este possui sua própria ideologia, internacionalista em sua essência, expressão dos interêsses fundamentais comuns que unem os operários de todos os países acima das fronteiras e das distinções nacionais. O nacionalismo burguês do [illegible] oprimido, ainda que desempenhe uma função historicamente progressista, encerra também elementos de egoísmo nacional, incompatíveis com o internacionalismo proletário. Daí porque a classe operária, ao apoiar o [illegible] burguês-nacionalista, não deve abdicar de seus princípios, mas conservar sua independência no plano ideológico, político e organizativo.

Sem desenvolvermos as críticas ao Dicionário Filosófico que é um instrumento auxiliar de grande utilidade na estudo do marxismo, creiam que o verbete "nacionalismo" está inspirado num critério dogmático, que não se coaduna com as exigências teóricas do leninismo marxista-leninista e com a experiência prática do movimento revolucionário. Neste caso, a crítica, o trabalho [illegible] é tanto mais necessária quanto se trata de uma obra [illegible] plamente difundida em todos os países e que exerce larga influência no movimento comunista.

[1] M. Rosental e P. Iudin: "Diccionario Filosófico Abreviado" — Ediciones Pueblos Unidos — Montevideo, 1959.

# Teoria e prática

## O ESTADO E AS CLASSES

Resposta ao leitor Agostinho Pinto da Silva (Salvador — Bahia).

Pergunta o leitor se seria correto afirmar-se que o Estado brasileiro representa os interêsses de uma classe determinada e, em caso afirmativo, se essa classe seria a burguesia como um todo.

Creio que se incorreria em êrro se se desse esta resposta à pergunta formulada pelo leitor. E seria êrro, antes de tudo, pelo fato de que o Poder estatal em nosso país não se encontra ùnicamente nas mãos de uma classe determinada, que imprima à atividade estatal uma orientação que reflita apenas os seus próprios interêsses, em oposição aos interêsses de tôdas as demais classes.

A verdade é que o Estado brasileiro, no estágio atual de seu desenvolvimento, reflete e defende os interêsses não de uma única classe exploradora, mas das diferentes classes em cujas mãos se encontram o poder econômico e o poder político em nosso país, isto é, os latifundiários, os setores da capitalistas ligados ao imperialismo — particularmente ao imperialismo norte-americano — e também a burguesia brasileira interessada no desenvolvimento independente da economia nacional. E', portanto, um Estado de tipo explorador, a serviço das classes economicamente dominantes. Mas não se pode dizer que êle sirva apenas a uma dessas classes. O certo é considerar-se que o Estado brasileiro expressa um compromisso de classes — das classes exploradoras, é claro.

Daí resulta o constante choque de interêsses no seio do Estado, que se manifesta principalmente no caráter heterogêneo do govêrno atual. Os elementos e grupos que, dentro do Estado, representam os interêsses de uma dada classe — os latifundiários, os setores entreguistas da burguesia ou a burguesia nacional —, ao mesmo tempo em que têm pontos de contato e acôrdo entre si, procuram impor à política estatal a orientação e os rumos que melhor satisfaçam a êsses interêsses, lutando, em função disso, pela conquista do maior número possível de posições-chave. Êsse choque de interêsses tem chegado a se apresentar sob a forma de conflito aberto — como assinala a Declaração Política dos comunistas, de março de 1958 —, como em agôsto de 1954 e em novembro de 1955.

E' de se assinalar que êsses choques de interêsses vêm se acentuando sobretudo nos últimos anos, na medida em que a burguesia — e dentro dela os setores cujos interêsses se identificam com o desenvolvimento econômico independente do país — consegue exercer uma influência maior e em que declina a tradicional influência conservadora dos latifundiários. Êsse crescimento da influência da burguesia se reflete, de um lado, na realização do progresso que conduzem ao progresso industrial do país e, de outro lado, sob a pressão crescente das massas trabalhadoras e populares no processo da democratização (nos marcos, naturalmente, das liberdades democrático-burguesas) que se verifica presentemente entre nós.

Uma observação final à pergunta do leitor Agostinho Pinto da Silva: a realidade social do Brasil revela, cada dia mais claramente, que não é justo falar-se em burguesia como um todo, como uma classe que defenda tôda ela, em bloco, os mesmos interêsses. E' cada vez mais evidente que enquanto uma parte dessa burguesia compromete-se com o imperialismo, sobretudo o norte-americano, ligando assim o seu destino ao do próprio imperialismo, outra parte se orienta no sentido de, defendendo os seus próprios interêsses (que são, neste caso, progressistas), colocar-se a favor do desenvolvimento independente do país, entrando assim em choque com o imperialismo dos Estados Unidos.

# Nacionalismo

## (Do «Diccionário Filosófico Abreviado», de M. Rosental e P. Iudin, Ediciones Pueblos Unidos, Montevideo, 1959, pág. 371)

NACIONALISMO — Ideologia e política da burguesia, que tende a excitar os ódios nacionais entre os trabalhadores e a reforçar o domínio de uma nação sôbre outra. O nacionalismo é fruto do regime capitalista, uma vez que a propriedade privada e o capital dividem necessàriamente os homens, atiçam o ódio nacional e agravam a opressão.

A burguesia propaga o nacionalismo para semear a discórdia entre os trabalhadores de diferentes nações, para impedir que se unam em sua luta emancipadora, para desviá-los da luta de classes e substituí-la pela hostilidade entre as nações. Lenin escreve em 1913: «Vêde os capitalistas: entregam-se de corpo e alma à obra de semear o ódio nacional entre a gente simples e, ao mesmo tempo, realizam perfeitamente seus pequenos negócios. Em uma ênica e mesma sociedade anônima vemos russos, ucranianos, poloneses, judeus e alemães. Os capitalistas de tôdas as nações e religiões fazem frente única contra os operários, tratando de dividi-los e de debilitá-los por meio do ódio nacional» (Lenin, Obras, ed. russa).

Na época do imperialismo, a burguesia transforma o nacionalismo em arma ideológica, que usa para preparar as guerras imperialistas e justificar a escravização dos demais povos. A burguesia de todos os países beligerantes, em conjunto com os social-patriotas da II Internacional, justificava, durante a primeira guerra mundial imperialista, as massas com lemas mentirosos relativos à defesa da pátria burguesa. O imperialismo atual utiliza o nacionalismo burguês para conservar seu sistema colonialista, para lutar contra o movimento de libertação nacional dos povos oprimidos, e para debilitar o campo da paz, da democracia e do socialismo.

Lenin e Stálin, apoiando-se firmemente nos princípios de Marx e Engels, denunciaram a ideologia e a política do nacionalismo burguês e elaboraram a teoria, o programa e a tática do partido marxista na questão nacional. Ao nacionalismo burguês o marxismo opõe o internacionalismo proletário (Vêde) à política de opressão nacional, a reivindicação do direito a dispor livremente de seu destino, «Completa igualdade de direitos das nações; direito de autodeterminação das nações; união dos operários de tôdas as nações: êsse é o programa nacional que ensina aos trabalhadores o marxismo, o que ensinam a experiência de todo o mundo e a experiência da Rússia» (Lenin: O Direito das Nações à Autodeterminação, em Obras Escolhidas, t. I, p. 978, ed. esp., Moscou, 1948). A Grande Revolução Socialista de Outubro liquidou o jugo nacional, criou condições para o florescimento político, econômico e cultural das nações novas socialistas. A União Soviética é o primeiro Estado multinacional da História, baseado na amizade sólida e indestrutível de diferentes povos.

O Partido Comunista luta contra os vestígios do capitalismo, inclusive contra as manifestações de nacionalismo burguês na consciência dos homens. Êsses vestígios são muito mais tenazes no terreno nacional do que em qualquer outro. O Partido Comunista educa os soviéticos no espírito do internacionalismo proletário, do patriotismo soviético (Vêde) e da amizade entre os povos. As sobrevivências do nacionalismo revestem diversas formas: [illegible] na ciência e na literatura, de correntes nacionalistas reacionárias do passado, que se tratam passar por movimentos «avançados» e «progressistas»; menosprêzo à amizade entre os povos, [illegible] e pilar da luta [illegible] Soviética, etc. Os inimigos do povo soviético querem, em particular, promover a discórdia entre os povos da URSS e o povo russo, provocar o sentimento de desconfiança em relação a êle, e reduzir sua importância e seu papel na grande família dos povos e nações soviéticas. Portanto, tôda subestimação a êste respeito leva água ao moinho dos inimigos do regime socialista, e representa um mal que é preciso combater com energia. O Partido Comunista ensina a todos os povos da URSS para a luta contra o nacionalismo local ou grão-russo.

O nacionalismo é fundamentalmente estranho à ideologia soviética, ao regime soviético, inteiramente animado do espírito do internacionalismo proletário, da amizade entre os povos, grandes e pequenos, e do espírito do patriotismo soviético.

# HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO (XLI)

## França, 1870-1917 — Surge o anarco-sindicalismo

A 10 de maio de 1871 — às vésperas do esmagamento da Comuna de Paris — era firmado em Frankfurt, entre a Alemanha e a França, o tratado de paz entre a França derrotada e o vitorioso Império da Alemanha. Foram bem pesadas para o Estado francês as conseqüências da guerra: perdia a Alsácia e parte da Lorena — [illegible] de minério de ferro e dotadas de uma indústria [illegible] — e devia ainda pagar 5 bilhões de francos como indenização de guerra.

Essas conseqüências foram um dos fatôres determinantes de que a França, segunda potência capitalista mundial até meados do século XIX, começasse a atrasar-se em relação aos Estados Unidos e à Alemanha, e acabasse sendo por êles suplantada em período que estamos estudando.

Outra causa que concorreu no mesmo sentido foi a produção agrária [illegible] a desenvolver-se predominantemente, no país, à base da pequena economia camponesa [illegible] (Ver o cap. XVIII desta série, em NOVOS RUMOS, número [illegible]). Êsse tipo de economia, se constituía um progresso em relação à exploração latifundiária feudal ou semi-feudal, [illegible] ao desenvolvimento da grande exploração agrícola capitalista, pois é muito menos capaz que esta de [illegible] produtos industriais, de [illegible] o desenvolvimento do mercado interno. A França continuou, até 1917, um país agrário-industrial, não concorrendo para [illegible] a completa industrialização agrária.

Tais circunstâncias determinaram que, ao passar à etapa imperialista de seu desenvolvimento, em fins do século XIX, o país se caracterizasse como o país do "imperialismo usurário", segundo a expressão de Lenin. Os banqueiros franceses, com efeito, passaram a exportar capital, principalmente sob a forma de empréstimos. [illegible]

[illegible]

.O propóstito de uma resenha, leva Mário a sua reflexão sobre o significado do nacionalismo na luta política.

# OS TORPEDOS DO CORONEL NEMO

Mário Alves

Ao denunciar uma pretensa infiltração comunista nos Comitês Pró-Lott e exigir, através da imprensa janista, a expulsão dos elementos vermelhos, o coronel Nemo Canabarro Lucas deixou claro seu intento de sabotar a campanha do candidato nacionalista e dividir as forças populares que o apóiam.

Em resposta ao coronel Nemo, cabe dizer que a candidatura nacionalista não é propriedade de nenhum grupo político, muito menos de qualquer pretendente a caudilho. A indicação do marechal para candidato partiu de setores nacionalistas que incluem patriotas de diferentes convicções ideológicas — militares, deputados, estudantes, intelectuais e trabalhadores de várias filiações partidárias ou sem partido. A força dessa candidatura reside precisamente em sua natureza unitária, na possibilidade que tem de agrupar correntes nacionalistas e populares de diversas tendências. [illegible] qualquer dessas correntes é o maior serviço que se pode prestar ao janismo.

Quando o coronel Nemo fala em expulsar a "quinta-coluna vermelha" dos Comitês Pró-Lott, ele é quem atua como quinta-coluna [illegible] de Jânio Quadros. Tanto isso é verdade que o coronel Nemo, [illegible] ao [illegible] Correio da Manhã. Não confundamos, pois, o coronel Nemo com o seu homônimo de Júlio Verne. Enquanto o famoso capitão Nemo afundava navios inimigos, o coronel se empenha em lançar torpedos contra [illegible].

A irritação do coronel Nemo decorre do fracasso de suas tentativas para colocar sob o controle exclusivo de seu grupo a campanha pró-Lott. [illegible]

[illegible]



## Fora De Rumo

RAIMUNDO NONATO

[illegible]

# Violência Em Pernambuco

[illegible]

# PTB: Lutar Pelas Reformas Exigidas ao Govêrno

Marcando, afinal, a sua Convenção para 11 de fevereiro, o Partido Trabalhista deu o passo que faltava para a definitiva oficialização da candidatura do marechal Teixeira Lott. Não há nenhuma dúvida de que êste será o resultado da Convenção petebista. Será, aliás, o próprio presidente do PTB, sr. João Goulart, que irá propor aos seus correligionários a homologação da candidatura Lott. [illegible] na última reunião da Executiva do partido.

Poder-se-ia especular com o fato de ter sido marcada a Convenção para dois dias após o afastamento de Lott do Ministério da Guerra, onde — assegurando a continuidade [illegible] — será substituído pelo marechal Odílio Denys. Não existe, porém, [illegible] do PTB. A decisão do apoio trabalhista a Lott é [illegible].

### VICE: PERSISTE A DÚVIDA

[illegible]

reforma agrária, nacionalização dos depósitos bancários e limitação da remessa de lucros das emprêsas estrangeiras.

A justificação destas exigências foi feita num documento da bancada federal do PTB, encaminhado ao sr. João Goulart para, como presidente do partido, defendê-lo junto ao govêrno e ao PSD. O marechal Henrique Lott, em [illegible] deputados petebistas, manifestou apoio às mencionadas exigências, formalizando-o já em recente medida, na recente entrevista concedida ao jornal «Última Hora».

Quanto à reação do govêrno, o que se sabe é que nas entrevistas havidas entre Jango e JK resultou o compromisso [illegible] apenas os projetos de reforma agrária e de limitação da remessa de lucros.

[illegible]

### EXIGÊNCIAS PROGRAMÁTICAS

[illegible]

# COMITÊS E COMÍCIOS PRÓ-LOTT

[illegible]

SÃO JOÃO DE MERITI

[illegible]

# SINDICATOS PREPARAM O DIA DA OMISSÃO

[illegible]

DEFESA DA LIBERDADE SINDICAL

[illegible]

# Jânio Repudiado Pelos Estudantes

[illegible]

# Definição

(Conclusão da 1ª pág.)

[illegible]

# Conferência De Prestes

[illegible]

No texto acima (Os torpedos do coronel Nemo) um exemplo do estilo.sarcástico do articulista.

# Quatro medidas para o Estado da Guanabara

ISAAC SCHEINVAR

Aproxima-se o dia 21 de abril, data da mudança da Capital da República e para os que moram nesta cidade, que sempre viveu sob o guante da intervenção federal, chega a ocasião de viver [illegible] por um período talvez longo, cuja duração vai depender da capacidade de [illegible] do povo carioca.

A intervenção federal foi sempre uma das causas da situação calamitosa em que se encontra a cidade do Rio de Janeiro [illegible]

[illegible]

Desde 1954 que se debate e se tenta solucionar o problema da organização do Estado da Guanabara, sem êxito.

Quando a campanha do Sr. Jânio Quadros estava no auge, e parecera [illegible] a UDN lutava pela autonomia do futuro Estado [illegible]

[illegible]

do a prefeitura [illegible] se [illegible] necessário [illegible] povo pudesse comparecer à homenagem que na ocasião lhe era tributada.

O mau encaminhamento do problema do Estado da Guanabara está no momento prejudicando, antes de mais nada, a campanha presidencial [illegible] do marechal Lott, mas que [illegible] para a questão.

Além da intenção [illegible] das fôrças reacionárias de [illegible] a intervenção [illegible] existem ainda os entraves [illegible] a organizar o futuro Estado.

Há alguns meses estavamos ao lado dos que se batiam pela eleição de um governador e de uma Assembléia Constituinte, que seria empossados a 21 de Abril, dia da mudança da capital, determinando [illegible] a dissolução da atual Câmara de Vereadores, que não foi eleita para o fim de elaborar uma Constituição e nem para ser Câmara estadual.

Esta solução, contudo, a mais democrática sem dúvida, não foi [illegible], não houve fôrças para torná-la vitoriosa, e o fato é que não ser mais possível haver eleições [illegible] a 3 de outubro de 1960, junto com as eleições presidenciais.

Diante da situação criada, tendo em vista que o perigo maior que hoje se apresenta é de ser a intervenção prolongada por um longo período e talvez atingir até a própria Câmara Municipal, com seu fechamento puro e simples, [illegible]

Daí propormos quatro medidas que se nos afiguram unitárias:

1) Eleição a 3 de outubro de um governador e de uma Assembléia Constituinte.

2) Após a elaboração da Constituição, transformação dos constituintes juntamente com os atuais vereadores, em deputados estaduais até 31 de janeiro de 1963, fim do mandato dos atuais vereadores.

3) Até 3 de Outubro, deverá ser indicado um governador provisório ratificado pelo Senado Federal.

4) Substituição do atual grupo que dirige a "PDF", hostil à candidatura Lott, por um governador provisório integrado nas fôrças e na campanha favoráveis à candidatura Lott-Jango.

Embora tendo certamente, falhas, esta solução é a mais unitária e viável no momento. A autonomia do próximo Estado da Guanabara, com eleições a 3 de Outubro de 1960 para governador e constituintes, deve ser também a nossa plataforma no processo da campanha pela sucessão presidencial.

# Lott Pôs Lenha na Fogueira de Jânio

MARIO ALVES

Nesta campanha à presidência da República, o marechal Teixeira Lott resolveu agitar os sentimentos anticomunistas e [illegible] numa entrevista em Belém do Pará.

[illegible]

# O Choque Janista

*Pode parecer cômico mas é verdade: [illegible] João Dantas (diretor do «Diário de Notícias») e Afonso Arinos (senador da UDN e «[illegible]») estão empenhados numa luta sem tréguas pela conquista do Ministério do Exterior do ex-futuro govêrno de Jânio Quadros. [illegible]*

[illegible]

# Democracia Para Brasília

A maioria governista conseguiu acabar na Câmara com a obstrução que vinha sendo feita pela UDN visando impedir a aprovação do projeto que dispõe sôbre a administração de Brasília. A mudança será feita assim já existindo a lei de organização da nova capital.

Há, porém, no projeto uma série de aspectos reacionários que as fôrças democráticas não podem permitir que sejam mantidos. Ressalta, entre êles, o que se refere à Câmara do Distrito Federal. O projeto submete-a uma verdadeira camisa de fôrça o Poder Legislativo de Brasília — limitando o período de seu funcionamento a apenas quatro meses no ano, vedada a prorrogação, e exigindo maioria absoluta (quando a lei orgânica do atual Distrito Federal exige maioria simples) para ser derrubado o veto do prefeito (que, segundo o projeto, será nomeado pelo Presidente da República) aos projetos aprovados pela Câmara.

As fôrças democráticas não podem concordar tampouco com a nomeação de prefeito para Brasília. Por que negar ao povo do Distrito Federal o direito de êle mesmo escolher, através de eleições, o seu governante? Os candangos que construíram Brasília, têm o direito de exigir democracia para a nova capital.

# Teses Para Discussão Iniciam Debate Entre Comunistas

NOVOS RUMOS publicará em sua próxima edição um importante documento intitulado «TESES PARA DISCUSSÃO» no qual são abordados os problemas fundamentais da política dos comunistas brasileiros.

Com a publicação dêsse documento, inicia-se nas colunas de NOVOS RUMOS um amplo e livre debate, ao qual estão chamados a participar todos os comunistas.

As «TESES PARA DISCUSSÃO» serão publicadas em suplemento especial, que acompanhará cada exemplar do jornal e não poderá ser vendido separadamente.

## Panorama

### O Problema Ademar

[illegible]

Almir Matos

## Povo não foi ver comício janista

*Domingo, à tarde, devia realizar-se em Ipanema um comício pró-Jânio. Apesar de tôda a propaganda feita, na hora marcada não apareceu a assistência. Oradores [illegible] apenas, tendo à frente o deputado Menezes Côrtes, num [illegible] de povo. A decepção foi enorme. E, um udenista irreverente, voltando-se para o parlamentar há pouco tempo promovido com adesão do general Amaral, fêz o comentário:*

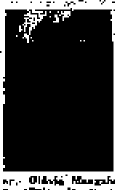
*— Então, general Côrtes, é assim que se começa a sua campanha para governador da Guanabara?*

## Uma viagem para os leitores de NOVOS RUMOS

Este número de NOVOS RUMOS pode valer, para o leitor, diversos prêmios, entre os quais uma viagem ao Rio, a Brasília, a Recife, a Pôrto Alegre ou qualquer outra capital. Guarde-o, pois. E aguarde as informações que a respeito publicaremos brevemente.

# Fora de Rumo

Paulo Motta Lima



[illegible]

[illegible]

# NOVOS RUMOS

ANO II — Rio de Janeiro, semana de 15 a 21 de abril de 1964

Diretor — Mário Alves — Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr. — Gerente — Guttenberg Cavalcanti


# Trustes reafirmam "JÂNIO É NOSSO HOMEM"

JÂNIO tem procurado explorar os sentimentos de simpatia de nosso povo pela revolução cubana. Foi à terra de Fidel Castro e voltou dando verdadeiras schowas. E o escândalo que a acompanhava, de repórteres dos jornais engajados na sua campanha oficial, no recente disparate, operou de um ou outro lido esquerdista de fazer seus pertidarismos.

Não há dúvida de que tudo isso tem seu lado positivo. Para fazer seu jôgo, Jânio é forçado a dizer muitas verdades sôbre Cuba, o que necessàriamente deverá ser reforçando, na luta anti-imperialista do povo cubano. Mas, por outro lado, também é certo que o jôgo de certos meios da candidatura entregista foi desenhar, na mesma noite de Inhaúma, e na Guanabara, dando, pela televisão, os pontos de vista do candidato entreguista. Ao mesmo tempo, mostrando que Jânio, candidato franquista, do direita, continua a ser o cavalheiro dos imperialistas. Foi a Cuba apenas o cabo de votos (Reportagem na 3ª página).

## LARRAZABAL (DERRUBOU JIMENEZ): APOIEMOS CUBA

Os povos da América Latina devem dar seu apoio à revolução cubana, disse o ex-almirante Wolfang Larrazabal à reportagem de NOVOS RUMOS. Larrazabal foi o presidente da Junta Militar que derrubou a ditadura de Perez Jimenez na Venezuela, em 1958, e é atualmente embaixador de seu país no Chile. Em visita ao Brasil, o líder democrático venezuelano, amigo pessoal de Fidel Castro, afirmou sua convicção de que o Govêrno revolucionário cubano é apoiado pela maioria de seu povo e defende, integralmente, os interêsses econômicos de Cuba, foi a razão de ser defendido por todos os latino-americanos. Leia a entrevista do ex-almirante Larrazabal na 7ª página do 1º caderno.

## ESTA EDIÇÃO

circula com 2 cadernos (14 páginas) e um Tablóide especial (24 páginas), que não podem ser vendidos separadamente. No Tablóide são publicados os textos das TESES PARA DISCUSSÃO e do PROJETO DE ESTATUTOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

Leia reportagem gráfica [illegible] 2º caderno [illegible] revolução soviética

# Lott e os Comunistas

MARIO ALVES

CERTAS declarações do marechal Lott contra a União Soviética, a revolução cubana e o comunismo despertam inquietação em setores nacionalistas e círculos de esquerda. Inquietação tanto mais compreensível quando, precisamente agora, o sr. Jânio Quadros corteja as fôrças populares, tenta capitalizar para si o enorme simpatia do povo brasileiro pela causa de Cuba e faz proposições avançadas no terreno da política externa.

RECONHECEMOS que essa inquietação é legítima e que tal contraste de atitudes demanda uma posição crítica em face de algumas definições do candidato nacionalista. Não aceitamos, porém, a idéia de que êstes fatos, por si sós, alterem o sentido geral da luta eleitoral e mudem a essência das candidaturas em choque.

EM tôrno de Lott existem, ao lado de setores nacionalistas radicais e fôrças de esquerda, grupos reacionários que tentam assumir o patrocínio de sua candidatura e dar-lhe um cunho conservador. Lott, pessoalmente, é portador de alguns preconceitos que entram em conflito aberto com as posições das correntes nacionalistas e populares que o apóiam, e, em particular, dos comunistas. Entretanto, o significado mais profundo de sua candidatura, o sentido principal de sua campanha, não é determinado por êsses aspectos negativos, nem pelos preconceitos do candidato.

O FATO irrecusável é que a candidatura Lott se tornou a expressão possível dos anseios de emancipação e progresso do povo brasileiro, no presente grau de desenvolvimento da luta antiimperialista e popular em nosso país. Os nacionalistas radicais, os homens de esquerda, os comunistas, poderíamos dizer que o marechal Lott não é o candidato dos nossos sonhos. Mas é o candidato que a realidade nos indica.

A CANDIDATURA do marechal Lott possibilita uma política nacionalista e democrática mais definida que a de qualquer govêrno brasileiro, até hoje. Contrastemos sua atitude firme pelo monopólio estatal do petróleo com a dubiedade do sr. Kubitschek. Consideremos sua disposição reiterada de limitar a remessa de lucros das emprêsas estrangeiras. Sua ausência de ligações com os grupos econômicos. Sua coerência na defesa da legalidade democrática. Suas manifestações favoráveis aos direitos dos trabalhadores.

DISCORDAMOS da posição do marechal em face da União Soviética, do comunismo e da revolução cubana, mas essa discordância não deve levar-nos a negar apoio ao candidato nacionalista. Consideramos que a questão decisiva, no momento atual, é o conflito entre o nacionalismo brasileiro e a situação de dependência ao imperialismo dos Estados Unidos. A candidatura Lott expressa êsse conflito de forma mais ou menos clara, embora não encarne ainda, como seria desejável, certas aspirações populares.

NAS suas limitações, a candidatura do marechal Lott reflete o papel preponderante que ainda exercem na frente única fôrças sociais capazes de opor-se ao imperialismo, em certa medida, e admitir determinadas transformações democráticas, mas incapazes de realizar uma política firmemente antiimperialista e popular, no estilo Fidel Castro. Tal estado de coisas não é, porém, imutável. Os setores radicais da coligação nacionalista e democrática, através da pressão de massas, podem e devem combater as vacilações dos setores conciliadores, conquistar um papel decisivo no movimento antiimperialista e conduzi-la a posições mais firmes e conseqüentes. O que importa é atuar neste sentido, e não entregar-se a lamúrias, nem condicionar o apoio a Lott a uma espécie de certificado de garantias contra atitudes reacionárias que pudessem ser tomadas no futuro.

A EQUIDISTÂNCIA em relação aos candidatos, preconizada ainda por uma minoria de elementos de esquerda, só seria válida se estivéssemos em presença de duas candidaturas que expressas-

(CONCLUI NA 4ª PAG.)

# Vai Faltar Carne: Frigoríficos Querem Dinheiro do Govêrno

*Reportagem na 4ª pág. do 1º caderno*

COM a presença do vice-presidente da República, sr. João Goulart, foi encerrada solenemente, no último sábado-feira, no Palácio do Metalúrgico, a III Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal. O governo passou em revista os problemas dos nossos trabalhadores, e formulou a sua posição em face dos problemas nacionais e da tendência da Capital Federal para Brasília. Refletindo o desejo de unidade dos trabalhadores cariocas, foi constituído e empossado pelo sr. João Goulart a Comissão Permanente das Organizações Sindicais do D.F. Na foto, um aspecto da delegação dos metalúrgicos, uma das mais numerosas. Reportagem na 8ª página.

**O drama do sertão**

Ontem, a sêca; hoje, a inundação. O Nordeste apresenta um quadro dramático de miséria e sofrimento. Milhares de flagelados, homens e mulheres, velhos e crianças, enchem as estradas, se amontoam nas cidades à espera de um pouco de auxílio para mitigar a desgraça que se abateu sôbre seus lares.

**MENSAGEM DOS COMUNISTAS AOS FLAGELADOS DO VALE DE JAGUARIBE**

# A calamidade agora é mais angustiante

FORTALEZA (Do correspondente) — Em nome dos comunistas cearenses, o ex-deputado estadual José Marinho de Vasconcelos e o jornalista e advogado Aníbal Bonavides dirigiram a seguinte mensagem aos flagelados do Vale do Jaguaribe, vítimas das inundações ocasionadas com o arrombamento do Orós:

«Povo do Vale do Jaguaribe.

Passou o instante executório da tragédia do Orós.

Mas a tragédia não se resume nos lances dramáticos do rompimento da grande barragem. Nem tampouco se resume nos dias e noites das inundações do Vale do Jaguaribe. É certo que aquelas horas e aquêles dias foram dias e horas de terrível sofrimento para centenas de milhares de pessoas da região jaguaribana e comoveram profundamente a opinião pública do Brasil e do mundo inteiro.

Agora, porém, é que a calamidade se apresenta em sua forma mais angustiante. Mais de duzentas mil pessoas continuam deslocadas de suas cidades, vilas, povoados e sítios. Cêrca de 100 mil jaguaribanos pobres, que tiveram seus lares destruídos pela violência da enxurrada, estão recebendo socorros de emergência. Criou-se assim, no Vale do Jaguaribe, um problema social de vastas proporções.

Um impressionante movimento de solidariedade ao povo jaguaribano, movimento que ultrapassou as fronteiras do país, mobilizou homens e mulheres de tôdas as condições sociais e tendências, na ajuda fraternal às vítimas da catástrofe do Orós.

Apresenta-se, a seguir, a questão mais difícil a resolver, que é de reinstalação das populações desgraçadas em seus lugares primitivos. Prestados os primeiros socorros de urgência (alimentos, roupas, rêdes, medicamentos), trata-se agora de providenciar a reinstalação de cada família em seu pedaço de terra, a fim de que cada um possa voltar a reintegrar-se ao processo normal da produção agrícola.

Honrando as suas gloriosas tradições democráticas e populares, o Exército brasileiro, contando com a colaboração da Aeronáutica e da Marinha, encontra-se à frente das operações assistenciais que se realizam na região jaguaribana, promovendo uma distribuição honesta de ajuda material e financeira destinada às vítimas das enchentes.

Aplaudimos, calorosamente, esta presença e a atuação dos soldados, oficiais e a maior parte do Brasil na grande batalha de socorro aos nossos irmãos jaguaribanos. Nas atuais circunstâncias, é evidente que a permanência das Fôrças Armadas no comando das operações é uma necessidade principalmente na fase de reinstalação das populações deslocadas.

Ao voltar para os seus lugares de origem, o povo jaguaribano levanta as suas reivindicações.

Quais são as reivindicações das populações laboriosas do baixo e médio Jaguaribe?

Em primeiro lugar, a reinstalação, envolve o problema de moradia, a distribuição de sementes, ferramentas, auxílio financeiro e reconstrução das cêrcas. Em seguida, o povo jaguaribano deseja ver reconstruído o Orós e a conclusão do Banabuiú e de todos os açudes públicos planejados pelo DNOCS.

A grande açudagem significa irrigação de milhares de hectares de terras. Significa energia elétrica abundante. A grande açudagem cria as condições para as primeiras medidas de reforma agrária na região. Foi o início da construção do Orós, do Banabuiú e de outros reservatórios que levou o Govêrno Federal a elaborar o projeto de irrigação, hoje tramitando no Congresso Nacional. A Lei de Irrigação, por sua vez, significa a distribuição de tôdas as terras irrigadas e irrigáveis dos açudes públicos, em lotes até 25 hectares cada um, com as famílias dos moradores e trabalhadores agrícolas. Isto abrirá uma nova fase de desenvolvimento econômico na açudagem social do Nordeste. É uma perspectiva promissora para as massas camponesas da região perspectiva de transformação estrutural na agricultura regional, perspectiva da formação de um [illegible] mercado interno, perspectiva de energia elétrica e de industrialização.

Povo Jaguaribano

Através de todas as conseqüências imediatas da tragédia do Orós. E já agora, vozes reacionárias, refletindo o pensamento dos latifundiários, iniciaram a sua campanha contra a reconstrução do Orós sob os mais ridículos pretextos.

Mas a vossa futura está na terra. Na transformação que vier a se fazer na agricultura. Na irrigação, na energia elétrica, no loteamento da terra à jusante dos grandes açudes públicos. Logo, o vosso futuro, no momento, depende da construção do Orós, do Banabuiú e dos outros açudes.

Em horas que estais vivendo, serão horas de novas lutas e para novas esperanças. Vossas esperanças poderão ser concretizadas se lutardes por elas. Vossos filhos viverão dias melhores, livres da insegurança dos dias presentes, trilhando os caminhos que conduzem à satisfação plena de tôdas as necessidades materiais e culturais.

Nesta hora de provações, sabemos que o povo jaguaribano não desanimou. Está confiante.

Todo o povo cearense e nordestino, o Brasil inteiro está empenhado pela reconstrução dos vossos lares, pela vossa reinstalação no processo normal da produção, pela reconstrução do Orós, pela imediata aprovação da Lei de Irrigação do Nordeste. Só o povo unido barrará a sabotagem que já se esboça contra a reconstrução do Orós.

Nesta oportunidade, o calor das comunistas cearenses, saúda a vossa tragédia, mas descortinando o futuro de liberdade e progresso, enviando a todo o povo jaguaribano esta mensagem de fraternidade.

Fortaleza, tudo para que o Orós seja reconstruído no prazo prometido pelo presidente da República! Tudo pela aprovação e aplicação da Lei de Irrigação do Nordeste».

## Repercussão

A mensagem dos comunistas cearenses obteve grande repercussão em todo o Estado. O seu texto foi lido da tribuna da Assembléia Legislativa pelo deputado Pontes Neto, irradiado pela «Rádio Verdes Mares» e comentado pela imprensa local.

# Carta do Sertão

Favela de «Cesta [illegible]»
Quebrada do [illegible]
Compadre Zé Mariçoba
Vai tudo mal parado.

Porém não vence a luta
Se se fizé união.
Tudo patrão é [illegible]
Contra [illegible] Sindicato.
Nós num temo no sertão

Trabalhado como nos
No Distrito Federal,
No dia que [illegible] dente
Já sabe aonde [illegible].
Se o patrão se [illegible]
Têm [illegible]

Vocês precisam [illegible]
O Sindicato de [illegible]
Dispôs de tua [illegible]
[illegible]
Ganham tudo mais [illegible]
Adonde Fé [illegible]
Bodega num [illegible]

Trabaiá sem Sindicato
[illegible] contra a maré.
Se você [illegible]
O patrão [illegible]

[illegible]
O [illegible]
[illegible]
Pera [illegible]

Gastam [illegible]
Com [illegible]
Do [illegible]
O [illegible]
[illegible]

Leva [illegible]
Para [illegible]
Mas [illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

Marcelo Teixeira [illegible]
[illegible]
[illegible]
E de quanto [illegible]
[illegible]
[illegible]
O [illegible] da nação

Compadre Zé Mariçoba
[illegible]
[illegible]
O seu amigo [illegible].

# Vai Faltar Carne: Frigoríficos Querem Dinheiro do Govêrno

As emprêsas frigoríficas estrangeiras (Swift, Anglo, Wilson e Armour) estão preparando uma crise artificial de carne bovina, para o período da entressafra do corrente ano, a fim de aumentar novamente os preços do produto. Visam, antes de mais nada, a reduzir o consumo no mercado interno, pela alta exagerada dos preços, de modo a aumentar os excedentes para exportação. Receiam, talvez, uma reação popular e um possível movimento pela nacionalização da indústria da carne em nosso país e por isso pretendem preparar a opinião pública de modo a que seja transferida para o próprio Govêrno a culpa de uma nova crise de escassez de carne nos grandes centros consumidores. E, alegam, contando com apoio de autoridades federais e de seus testas-de-ferro que aparecem como criadores independentes de gado ou dependentes, agora, do Banco do Brasil, elaboraram um plano de execução [illegible], para fazer crer que vai voltar carne, porque o Ministério da Fazenda não tomou providências em tempo oportuno.

## Plano para escassez

Como primeiro etapa de seu plano que visa a transferir para o Govêrno a culpa pela escassez artificial que prepararam, as emprêsas frigoríficas estrangeiras declararam-se dispostas a estocar carne bovina para garantir o abastecimento do Rio, de São Paulo e de outros centros consumidores no decorrer da entressafra, ou seja, no período compreendido entre agôsto e janeiro. Mas se as «possibilidades» são ouvidas por uma comissão designada pelo ministro do Trabalho para discutir o problema. Eis estratagema: afirmaram que os empresas estocariam o produto mediante financiamento. E pediram logo dois bilhões e duzentos milhões de cruzeiros para cobertura das despesas com a armazenagem de vinte mil toneladas. A comissão ficou de estudar a pretensão e levou o caso ao ministro do Trabalho. O Conselho Coordenador do Abastecimento reuniu-se, com a presença dos ministros de Estado que o integram e decidiu que deveria reestudar-se uma comissão Interministerial.

Enquanto se tomava essa providência, de constituir-se a tal comissão interministerial, as emprêsas frigoríficas faziam divulgar que aguardavam as determinações do Govêrno para estocar a carne bovina necessária ao período de entressafra. Finalmente, o presidente da República nomeou a nova comissão e um de seus membros, o presidente da COFAP que não possuía representante ao Ministério do Trabalho, antes de qualquer reunião se declarou favorável ao financiamento.

Ora, sabiam as emprêsas frigoríficas que o Govêrno não poderia financiar a estocagem de carne suficiente para o consumo dos grandes centros, de agôsto a janeiro, numa proporção de dois bilhões e duzentos milhões de cruzeiros para vinte toneladas. Se, na última hipótese, essa quantia lhes fôr entregue pelo Banco do Brasil, venderão o produto do mesmo jeito, sob a alegação de que foi reduzida a quantidade armazenada, suficiente, apenas, para o consumo de quarenta e cinco dias, sòmente no Rio de Janeiro. Ora, numa cidade como o Rio, cujo consumo estimado é de quatrocentas e cinqüenta toneladas diárias, seria preciso, no mínimo, seiscentas toneladas de carne e, na base do pedido inicial de financiamento, o Banco do Brasil teria de entregar às emprêsas frigoríficas seis bilhões e setecentos milhões de cruzeiros. E ainda assim não a escassez e a alegação de que as seiscentas toneladas foram insuficientes para o Distrito Federal, São Paulo e outros centros consumidores.

Aceito para estudo, o pedido de financiamento, os capitães frigoríficos passaram a advertir o Govêrno de que se não fôr atendido a carne haverá escassez na entressafra. E os que falam sua mesma linguagem, na Confederação Rural Brasileira, procuram chamar a atenção do povo para o problema da estocagem, que não está sendo feita, segundo alegam, porque o Govêrno ainda não concedeu o financiamento. Pura chantagem, como se vê, cujo objetivo é desviar a opinião pública dos que pretendem provocar nova crise de escassez de carne bovina, para elevar mais ainda o preço do produto e reduzir, pela alta, o consumo no mercado interno.

## Desnecessário o financiamento

Poderiam as emprêsas frigoríficas estrangeiras exigir financiamento para estocagem de carne? Claro que não. E se o fazem é porque estão contando com apoio dentro do próprio Govêrno, provàvelmente dos mesmos fôrças que impediram a ação do general Uzurey Magalhães que, quando à frente da COFAP, exigiu que os poderosos senhores da pecuária de corte cumprissem os dispositivos legais que os obrigam a manter gado ou carne transformado para o período de entressafra.

As emprêsas frigoríficas estrangeiras (Swift, Anglo, Armour e Wilson) não são apenas transformadoras de carne como alegam, quando dizem que precisam de financiamento para adquirir boi em pé dos invernistas. São também criadores e engordadores de gado e até vendem boi em pé a marchantes, funcionando, como se fôssem simples invernistas. Dispõe o artigo primeiro do Decreto-lei n.º 9 883, de 16 de setembro de 1946, que as emprêsas frigoríficas que explorem a indústria de carnes e derivados podem abater, em seus estabelecimentos, gado bovino e suíno, recriado e engordado em áreas de sua propriedade ou arrendadas. E o parágrafo primeiro dêsse artigo é taxativo: «O gado recriado ou engordado nas condições estabelecidas neste artigo será reservado para o consumo no período de primeiro de agôsto a 31 de dezembro de cada ano, podendo as emprêsas frigoríficas e os matadouros abatê-lo no primeiro semestre, para estocagem, ou conservá-lo em suas invernadas ou campos, para garantia do suprimento regular do mercado interno naquele período».

Como se vê, sem que haja qualquer financiamento para estocagem, não podem as emprêsas desviar do consumo interno, no período da entressafra, o gado de que dispõem em suas próprias invernadas.

E não podem as emprêsas ocultar das autoridades do Ministério da Agricultura o gado de que dispõem e o seu movimento de abate. Pelo que dispõe o artigo 3º da Portaria n.º 814, de 25 de agôsto de 1955, do Ministério da Agricultura, que regulamentou o referido decreto-lei, as emprêsas frigoríficas estão obrigadas a comunicar, anualmente, à Divisão de Fomento da Produção Animal: «a) o número de animais abatidos no período de primeiro de janeiro a 31 de julho, engordados pelas próprias entidades e mantidos em estoque nas câmaras frias para consumo nos meses de agôsto a dezembro; b) o número de animais reservados e destinados ao abate no período de primeiro de agôsto a 31 de dezembro».

Todavia, nenhum dêsses dispositivos legais está sendo observado, nem mesmo pelas autoridades do Ministério da Agricultura e da COFAP que deveriam exigir o seu cumprimento.

## Manaus comemorou o aniversário do PCB

MANAUS — Amazonas (Do Correspondente) — Num clima de grande cordialidade e entusiasmo foi comemorado, nesta cidade, o 38º aniversário de fundação do Partido Comunista do Brasil. A sessão comemorativa contou com a participação de grande número de pessoas, entre as quais inúmeros dirigentes sindicais e políticos de várias filiações partidárias. Conhecidos dirigentes comunistas dirigiram o ato, relembrando a atuação do Partido, desde a sua fundação no movimento pela emancipação econômica e política das massas trabalhadoras e do país. Todos os oradores foram unânimes em ressaltar a necessidade de o Partido ter existência legal.

## Aos Comunistas de Uberlândia

Os comunistas de Uberlândia [illegible] José [illegible] [illegible] [illegible]. As [illegible] e [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] comunistas.

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr.
[illegible] — [illegible] Borges
REDATORES
[illegible] Alves, [illegible], Paulo Motta Lima, [illegible], Luis [illegible]

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel.: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar, S/905
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
Anual ... Cr$ 250,00
Semestral ... 130,00
Trimestral ... 70,00
[illegible]
Número avulso ... Cr$ 5,00
Número atrasado ... 8,00

# Lott e os Comunistas

[illegible]

[illegible] Lott, na medida em que [illegible] os [illegible] e populares.

MARCHAR com a candidatura [illegible] Lott [illegible] [illegible] A questão consiste em que certos dirigentes [illegible] do PSD não têm qualificação para orientar uma campanha nacionalista e democrática [illegible] O verdadeiro problema que se coloca hoje não é, portanto, se devemos apoiar Lott, mas sim como devemos apoiar Lott.

APOIAMOS o marechal Lott porque sua candidatura [illegible] e democráticas do povo brasileiro. São estas [illegible] que dão um conteúdo nacional e popular à candidatura. [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] a solidariedade do povo brasileiro à revolução cubana. Defenderemos os interêsses vitais dos trabalhadores e do povo contra a inflação e a carestia. Lutaremos pela reforma agrária.

A FIM de que a campanha do marechal Lott seja realmente nacionalista e popular será necessário [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] é que fiquem claros para o povo os objetivos entreguistas e reacionários dos [illegible] que combatem o marechal Lott. Sòmente assim elas [illegible] com o apoio necessário para derrotar a demagogia janista.

# Tribuna de Debate

**MÁRIO ALVES (E. da Guanabara)**

## As Bases Falsas de Uma Linha Falsa

... O camarada Maurício Grabois, em seu artigo «Duas concepções, duas orientações políticas», põe-se ao lado da «Teses para Discussão», comenta e foge de seu ataque contra a Declaração de março de 1958. Em sua opinião êsse documento enquadra uma linha oportunista de direita.

[illegible]

**ORLY ANDREZZO (S. Paulo)**

## Os Comunistas e o Desenvolvimentismo

[illegible]

### COMUNICADO

Os responsáveis pela TRIBUNA DE DEBATE comunicam a todos os interessados que foram estabelecidas as seguintes normas sôbre a publicação dos artigos e cartas:

a) A fim de possibilitar a participação do maior número de companheiros no debate, cada participante terá direito a um máximo de 10 laudas datilografadas (30 linhas por lauda) em cada edição da TRIBUNA DE DEBATE. Os artigos que excederem a êste limite serão divididos e publicados em série.

b) Os artigos e cartas serão publicados por ordem de recebimento na redação de NOVOS RUMOS. Em cada edição da TRIBUNA DE DEBATE figurará uma relação dos artigos recebidos, segundo a ordem em que serão publicados.

Polemista de talento, Mário Alves desmonta a argumentação de Grabois no debate que antecede o V Congresso do PCB.

# Tribuna de Debates

MÁRIO ALVES

## Revolucionarismo em Palavras, Oportunismo na Prática

[illegible]

### E a revolução ininterrupta?

[illegible]

### Esclarecer ou enganar as massas?

[illegible]

### Quem renuncia à luta pela hegemonia?

[illegible]

### Grabois contra Grabois

[illegible]

ANTONIO S. DINIZ (Est. da Guanabara)

## Em Guarda Com os Velhos Métodos

[illegible]

## Nota da Comissão de Debate

Transcorrido algum tempo desde o início da presente discussão pela imprensa, a Comissão responsável sente-se no dever de expor a todos os companheiros algumas considerações.

Cumprindo a missão que lhe foi designada, a Comissão tem procurado assegurar a todos os participantes o direito de manifestarem livremente seu pensamento sôbre os problemas em discussão, dentro dos princípios partidários. O clima de liberdade em que se processa o debate tem permitido a expressão de diferentes pontos-de-vista e o confronto crítico de opiniões, elementos essenciais à democracia interna. A Comissão considera seu dever garantir êsse clima de liberdade de discussão até o término do seu mandato.

Ao mesmo tempo, a Comissão julga conveniente solicitar a atenção de todos os companheiros para algumas questões que dizem respeito aos objetivos da atual discussão e ao modo de conduzi-la acertadamente, tendo em vista atingir os resultados esperados pelo Partido.

Sendo objetivo do atual debate público o exame crítico das Teses, do Projeto de Estatutos e da atuação dos comunistas, cada companheiro contribuirá para êsse objetivo na medida em que opinar sôbre tais questões no plano político, ideológico e organizativo. Seria inteiramente prejudicial aos interêsses partidários deslocar o centro da discussão para o terreno das agressões pessoais ou das retaliações sem princípios. É certo que o debate no plano ideológico não exclui a indicação da responsabilidade pessoal pela adoção de determinadas posições. Mas a crítica e as divergências devem ser formuladas sempre em têrmos compatíveis com as normas que devem reger um debate público entre comunistas, de modo a não prejudicarem a unidade partidária.

Dêsse ponto-de-vista, a Comissão considera que é inteiramente justa a reprovação generalizada que despertaram, entre os leitores de «Novos Rumos», aquelas passagens de artigos já publicados que infringem tais normas.

A fim de que prevaleça a orientação que a própria experiência evidencia ser a realmente útil a um curso proveitoso do debate, a Comissão decidiu publicar sòmente os artigos e cartas cujos autores defendam seus pontos-de-vista com serenidade, o que não exclui a necessária firmeza e o espírito combativo que caracterizam os comunistas. A criação de uma atmosfera de intolerância pode gerar o temor a discriminações e tolher a livre manifestação do pensamento de numerosos companheiros, reduzindo o âmbito da discussão e prejudicando, dêsse modo, os interêsses do Partido. A opinião coletiva dos comunistas só pode expressar-se, em tôda a plenitude, num debate livre e responsável.

Ao fazer estas recomendações, a Comissão não tem em mira opor nenhuma restrição à livre expressão do pensamento de qualquer camarada, desde que se mantenha no terreno dos princípios. Seu objetivo é, precisamente, assegurar um clima que permita a liberdade de discussão para todos e que torne possível conduzir o debate até o fim com resultados positivos para o Partido.

Estamos certos de que, respeitadas estas normas, o debate contribuirá para a elaboração coletiva da nossa orientação política, elevará o nível ideológico dos comunistas e significará um passo adiante no sentido do fortalecimento da unidade do Partido.

Rio, 7 de junho de 1960

A Comissão de Debate

# NOVOS RUMOS

ANO II — Rio de Janeiro, semana de 12 a 18 de agôsto de 1960 — 76

Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr. — Diretor — Mário Alves — Gerente — Guttemberg Cavalcanti


### Os Trabalhadores Decidem Sôbre Seus Problemas

# 2 MIL DELEGADOS 30 DO ESTRANGEIRO NO III CONGRESSO

ACOLHIDOS carinhosamente pela população carioca, encontram-se na cidade mais de dois mil líderes sindicais de todo o país, que aqui vieram para realizar o III Congresso Sindical Nacional. O conclave, convocado pelas Confederações, Federações e Sindicatos Nacionais não confederados, instala-se às 8 horas da manhã do dia 11 do corrente, no teatro João Caetano. O encerramento será feito num grande ato público, programado para o dia 14, às 19 horas, no Maracanãzinho, com a presença do presidente da República, sr. Juscelino Kubitschek, do vice-presidente, sr. João Goulart, do governador Sette Câmara, do presidente e vice-presidente da Câmara Federal, deputados Kanfari Mazzilli e Sérgio Magalhães, do Ministro do Trabalho, dos 30 delegados das organizações sindicais estrangeiras e de inúmeras outras autoridades. O Congresso foi precedido de dezenas de convenções, conferências e congressos regionais, onde os problemas dos trabalhadores de todos os Estados foram debatidos em larga escala. Essa preparação, que atingiu a milhões de homens, mulheres e jovens que trabalham nas cidades e nos campos, reflete o crescimento do nível de organização dos setores trabalhadores, e constitui uma garantia para o êxito do seu Congresso Nacional. Realizado após tantos anos de lutas, o conclave enfrentará, pela primeira vez, a discussão dos problemas relacionados com a legislação trabalhista, oferecendo-lhe emendas e exigindo a sua adaptação às conquistas democráticas e ao nível de organização já alcançados pelo proletariado. (Reportagem na 2ª página).

ACABOU-SE O QUE ERA DOCE

## Fidel Põe Abaixo Império Ianque

(7ª página do 1º caderno)

## Solidariedade e reforma: UNE em greve

CUMPRINDO resolução do último Congresso Nacional dos Estudantes, a UNE deflagrou uma greve geral das universidades, em solidariedade aos estudantes da Bahia, Minas, S. Paulo e Rio Grande do Sul. A greve que foi apoiada imediatamente pelas entidades estaduais do Paraná e do Guanabara, tem como objetivo despertar a atenção da opinião pública para a necessidade de ser reformada a universidade brasileira. Os casos da Universidade da Bahia, onde os estudantes estão em greve há mais de dois meses e foram suspensos pelo reitor, e do Mackenzie, em São Paulo, onde os estudantes protestam contra a desorganização administrativa e a má qualidade do ensino, são bastante indicativos da completa inadaptação do ensino superior às exigências do desenvolvimento nacional.

## Todo o R.G. do Sul foi representado na convenção nacionalista

DUZENTOS e trinta delegados, representando os comitês nacionalistas de 106 municípios gaúchos, realizaram na capital do Rio Grande do Sul a Primeira Convenção do Movimento Nacionalista Lott-Jango, e centralizaram durante vários dias as atenções da opinião pública e da imprensa riograndense. Os candidatos nacionalistas — marechal Lott e João Goulart — o governador gaúcho, Leonel Brizola, e numerosas autoridades locais, bem como d. Edna Lott e uma caravana de deputados federais, estiveram presentes à Convenção do Movimento Nacionalista gaúcho, que se transformou numa espetacular manifestação de apoio popular às candidaturas do marechal e seu companheiro de chapa e à causa da independência política e econômica do país. (Leia na 8ª pág. do 2º cad.).

COM DESTINO à Europa, seguiu fôrça-feira última, por via-aérea, o nosso companheiro de trabalho Fragman Carlos Borges (foto), redator-secretário do NOVOS RUMOS. Durante sua viagem, que se prolongará por algumas semanas, Fragman Borges visitará particularmente a República Democrática Alemã, onde terá oportunidade de observar os extraordinários progressos realizados nos dez anos de existência da RDA como um Estado dirigido pelos trabalhadores. As observações feitas pelo nosso companheiro serão especialmente valiosas tendo em conta os crescentes vínculos econômicos que ligam o Brasil à República Democrática Alemã.

## Lavradores do Paraná fizeram congresso

REUNIU-SE em Londrina, de 5 a 7 do corrente, o I Congresso dos Trabalhadores Rurais do Estado do Paraná. O conclave contou com a participação de 300 delegados dos colonos, porceneiros, foreiros, posseiros e assalariados agrícolas de 35 municípios do interior paranaense. (Leia reportagem de Nilson Azevedo, nosso enviado especial, na 8ª página dêste caderno)

## Pernambuco: Legalidade para o PCB

NO RECINTO da Assembléia Legislativa de Pernambuco reuniram-se representantes de diversos partidos (PSD, PTB, PSB, PRT), parlamentares, líderes operários e estudantis, diversas personalidades e grande massa popular. Os oradores (numerosos) apesar de pertencerem a diversas correntes políticas defenderam todos, unânimemente, o mesmo ponto-de-vista: o Partido Comunista deve ser legal. (Leia na 1ª pág. do 2º caderno)

OS DOIS comícios de Prestes no último fim-de-semana, — em Cabiúnas e São Gonçalo, no Estado do Rio — foram uma eloquente demonstração do grande ascenso do movimento popular e nacionalista que o país atravessa. Em Cabiúnas, cidade que nos mais longínquos apontavam como centro de pistoleiros, Prestes foi recebido sob uma chuva de pétalas de rosa, como homenageado da Câmara Municipal, e presidiu a um comício que lembrou a todos a grande fêrra democrática de 45. Em São Gonçalo, mais de 15 mil pessoas foram ouvi-lo, e aplaudiram a sua conclamação à vitória da chapa nacionalista Lott-Jango em 3 de outubro. (3ª pág. do 1º cad.).

## O «novo partido» é o velhíssimo mêdo do povo

A «BOSSA NOVA» do continuísmo é o movimento pelo formação de um novo partido político «do centro». O claro objetivo do manobra é criar dificuldades para o candidatura Lott e aproveitar a falta de representatividade e de penetração popular da maioria dos atuais partidos políticos, para organizar o grande partido que falta à reação e ao entreguismo. O «Panorama» de Almir Matos (pág. 3) focaliza esta nova trama da Falcão.

DESMASCARADO O JÔGO ENTREGUISTA NA GUANABARA

## Amaral Tramou Com Lacerda a Divisão Dos Nacionalistas

(Leia na pág. 6)

## Acabemos Com «a Grande Hipocrisia»

MARIO ALVES

O Globo» descobriu, com uma indignação mal fingida e bem remunerada, o que afinal já estava claro para todo o mundo: que o Partido Comunista existe e atua no cenário político, que os comunistas se reúnem para pleitear o registro eleitoral e estão integrados na campanha pelas candidaturas Lott-Jango.

A GRANDE hipocrisia» — é como aquêle jornal denomina essa contradição palpável da vida política brasileira: o Partido Comunista não tem reconhecimento jurídico, mas atua abertamente e concerta alianças políticas com os demais partidos.

CONSTATA «O Globo», com um simulado alarme, que o PC no Estado da Guanabara «já se reúne em convenção, solenemente, com grande assistência e enorme publicidade e, funcionando como autêntico partido político, aprova plataforma, indica candidatos (Lott-Jango-Sérgio), apresenta protestos, aplausos e reivindicações». Que diria, então, o porta-voz da Embaixada americana, se soubesse que uma reunião semelhante se realizou em S. Paulo, com a presença de representantes de vários partidos políticos, e outra em Pernambuco, no recinto da Assembléia Legislativa, tendo falado um representante oficial do PSD, partido governamental?

O ESTRANHAVEL não é que os comunistas se reúnam publicamente, discutam os problemas nacionais e participem ativamente da vida política. Como cidadãos brasileiros, os comunistas gozam dos direitos democráticos assegurados pela Constituição e ninguém pode impedir que se reúnam livremente, propaguem suas idéias e escolham seus candidatos. Convém lembrar que o Tribunal Regional Eleitoral, em 1958, reconheceu aos dirigentes comunistas o direito liquido e certo de participarem da campanha eleitoral.

O QUE há de profundamente estranho e aberrante em tudo isso é que uma fôrça política tão viva e atuante como o Partido Comunista não disponha ainda do registro eleitoral num regime que se diz democrático. A contradição flagrante entre a atuação política do Partido Comunista e a medida que o privou do registro legal não pode permanecer por mais tempo. Os fatos provam cada dia que a proibição do funcionamento legal do Partido Comunista entra em conflito com a realidade atual do Brasil e do mundo.

COMO resolver essa contradição, de acôrdo com as normas democráticas?

«O Globo» protesta contra a «tolerância dos podêres públicos» em face da atividade dos comunistas e preconiza a repressão policial. Interpretando os desejos do Departamento de Estado norte-americano, quer transformar o Brasil numa ditadura semelhante à de Trujillo ou de Stroessner. A história já demonstrou, porém, de maneira irrefutável, que não há violência policial capaz de destruir o Partido Comunista. A solução de «O Globo» só teria um resultado: implantar no país um regime de terror, eliminar as liberdades democráticas. Mas o Partido Comunista — ninguém duvide — continuaria vivo e atuante.

SÓ há um caminho democrático para acabar com «a grande hipocrisia» que é a ilegalidade jurídica e a legalidade de fato do Partido Comunista. Êste caminho foi apontado pelo deputado Passos Pôrto, da UDN, em recente discurso na Câmara: «Não vejo razões para que a democracia brasileira tema ou desconheça a filosofia marxista e a existência do Partido Comunista. A lei lhe permite o direito de reunião e de debater sua doutrina. Por que não lhe damos a legalidade política?».

ASSIM, a plena legalidade do PCB não é apenas uma aspiração dos comunistas, mas uma necessidade inadiável para o funcionamento normal do regime democrático.

ACABEMOS com «a grande hipocrisia», lutando pela legalidade do PCB.

# O AUTO-RETRATO DO SR. PERALVA

MARIO ALVES

O que mais repugna aos leitores do Estadinho, do Oswaldo Peralva, é o hipocrisia com que o autor — ex-militante comunista — tenta apresentar uma justificação moral não apenas para a sua deserção do comunismo, mas para tornar-se, de quase simples delator policial. Peralva levanta contra o movimento comunista um rosário de calúnias de horror ao gênero, verdades meio-ditas e "individuais", passando-se, portanto, do cadáver dos camaradas e companheiros que deveriam manter de honra ao mais baixo marasmo. Nenhuma dessas teses poderá, entretanto, ocultar o fato de que o seu autor revela ainda o método burguês e policial do movimento a que pertenceu, à polícia política e ao movimento a que pertence, escrevendo calcinações para nesses tribunais da edignidade humana que são o «Estado de São Paulo» e o «Jornal do Brasil».

Perante necessário desses pretextos justificativos morais para encobrir a existência da «lista» e da cohua que o acompanharam nos anos-luz fracassados do Stalin e do grupo de Aníbal Buratto e capitulação vergonhosa em face dos fatores dominantes na sociedade atual, a positividade de ofensas de imperialismo e de sua máquina de propaganda, a covardia moral em um dos momentos mais difíceis da luta revolucionária. Em 1956-1957, os comunistas se responsabilizaram diante de um círculo momentos críticos, quando o inimigo carregou, explorando-nomes próprios e detalhes, tentando em nossos à «pipa» e «atleta», o desorientou e a confusão. Analisam as que diziam Pimenta moral e ideológica. Outras, como Peralva, capitularam.

Não há que buscar a «gênese» da «filha» de Peralva na «teoria» pretensamente sociológica, com pretensão sentenciosa-nihilista de teleologia política, antirespeito da deformação intencional e de interpretação capciosa. Porque todo seu repertório desprovido de veracidade e inclinação ao cinismo, não passa sem dos Kruschenko e dos Kaminski, não seria senão para tentar justificar os «ruim» páginas Brasil, onde o autor pretende ser descoberto «ação do capitalismo no regime de exploração do homem pelo homem».

O pastiche da «O Estado» é, realmente, a «pura-lo-duro» da degradação do seu autor. Peralva investe contra o «comunismo de dois tentáculos. Compreende a China da hora com a «China China, acusando-a, conjugando-se ao «chauvinismo doente» russo e «demônio cuja «é admirável» e «ação do «cúmplice e companheiro». «Convido — acrescenta — aos «dois-lhes pronunciação o bom-senso» [illegible] de que gozam [illegible] em países como a Suécia, na Índia, Indonésia, no mundo e sul da Índia, E convido «Asia», «a nova China» «pensamento» «como em idéas de valor. China, constituição [illegible], por outro lado, um «mito» «[illegible] «fatalismo» dos países capitalistas» «[illegible]» «[illegible]» «[illegible]

# A Nação Inteira ao Lado Dos Marinheiros e Fuzileiros

## Solidariedade

Os marinheiros e fuzileiros navais estão empenhados numa luta justa e patriótica que merece o apoio e a solidariedade de todo o nosso povo.

Prosseguindo na luta heróica de João Cândido, que pôs fim à revoltante humilhação da chibata, êles querem a reforma do desumano Regulamento Disciplinar da Marinha, que chega ao ponto de proibir-lhes o casamento e lhes impõe punições medievais. Querem também que cessem para sempre as perseguições que lhes são movidas pelos gorilas do almirantado, que se negam a reconhecer-lhes o direito constitucional de se organizar livremente, praticando arbitrariedades e violências de tôda natureza para impedir o funcionamento de sua Associação.

Por outro lado, os bravos marinheiros e fuzileiros navais vêm participando, com entusiasmo patriótico, da luta emancipadora de nosso povo contra a miséria e o atraso, por um futuro de independência, progresso e bem-estar. A comemoração que realizaram quarta-feira, no Sindicato dos Metalúrgicos, constituiu vigorosa manifestação pelas reformas de base e pela democracia, de apoio ao Comício do dia 13, nos atos recentes do Govêrno e à Mensagem do presidente João Goulart ao Congresso.

Contra os marinheiros e fuzileiros navais se colocam os inimigos da Nação, os gorilas com farda ou sem farda, tendo à frente a insignificante minoria aristocrática e reacionária da Marinha, da qual o almirante Sílvio Mota se transformou em triste porta-voz.

Ao lado dos marinheiros e fuzileiros navais devem colocar-se, decididamente, todos os patriotas e democratas, exigindo que suas reivindicações sejam atendidas, que cessem as perseguições de que são vítimas, que nenhuma punição lhes seja imposta, que o atual ministro da Marinha, representante das fôrças nacionalistas e não os inimigos da Nação.

A luta é uma só. Lutar pela vitória dos bravos marinheiros e fuzileiros navais é lutar pela vitória do nosso povo.

## CGT: Trabalhadores Mobilizados Apoiam a Luta Dos Marinheiros

O Comando Geral dos Trabalhadores acaba de expedir nota pela qual convoca a classe trabalhadora e o povo do Brasil:

"O CGT, tendo em conta a decisão de milhares de marinheiros e fuzileiros, reunidos em assembléia, de se apresentarem à presença, junto com os diretores da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros do Brasil, no próximo dia 10 do corrente, às 14 perseguições e punições que o ministro da Marinha vem aplicando ultimamente, determina a todo o movimento sindical que se coloque em ESTADO DE ALERTA e se prepare para uma demonstração de solidariedade aos bravos marinheiros e fuzileiros do Brasil.

DENUNCIAMOS ao povo e aos trabalhadores que a elite da Marinha TRAMA contra o movimento das fôrças de base e o povo, contra as reformas de base e o presidente da República, ameaçando reprimir e marinheiros e fuzileiros com o propósito de fazer crescer o desentendimento dêsses bravos irmãos que lutam por suas justas reivindicações e pela aprovação das medidas contidas na mensagem presidencial, enviadas ao Congresso no dia 15 passado.

COMUNICAMOS aos trabalhadores e ao povo que os marinheiros e fuzileiros resolveram acampar na sede do sindicato dos metalúrgicos, à rua Ana Neri, 152, até o próximo dia 20, 4 feira, onde poderão seja enviada a pauta de hoje tida como [illegible] pelos atentados.

SOLICITAMOS a todos os trabalhadores e seus sindicatos que aguardem atentos e mobilizados a orientação da CGT nas próximas horas, a respeito da posição que a classe operária vai tomar como solidariedade efetiva aos marinheiros e fuzileiros que lutam por seus direitos e reivindicações e se incorporam à luta do povo brasileiro pela efetivação das reformas de base".

A nota do CGT é assinada pelo seu primeiro secretário, Rubens Teixeira.

## Trabalhadores Levaram Apoio Aos Marinheiros

Um dos mais belos aspectos do grandioso espetáculo que oferecia ontem o Sindicato dos Metalúrgicos, era a presença de militares de trabalhadores de numerosas corporações — presença de solidariedade e de luta.

A classe operária levou, pode-se dizer, instantâneamente, o seu decidido apoio aos valentes marujos. É que trabalhadores e soldados estão unidos pelas mesmas aspirações e objetivos. Sua luta é a mesma: as reformas de base, a atualização da Constituição, os direitos democráticos para o povo, a emancipação nacional, o fim do gorilismo.

A solidariedade dos trabalhadores aos marinheiros se une também na exigência de que seja dada aos acontecimentos dêsses dias uma solução justa e democrática, que reflita as aspirações dos marujos e corresponda aos anseios do povo.

Os trabalhadores que se concentraram no Sindicato dos Metalúrgicos exprimiam o apoio de todo o povo brasileiro à marujada em luta.

## UNE: Solidariedade à Luta Dos Marujos

A União Nacional dos Estudantes emitiu ontem à tarde a seguinte nota oficial, assinada por seu presidente — em exercício — Duarte Lago Pacheco:

"A União Nacional dos Estudantes vem reafirmar a sua inteira solidariedade à luta dos valorosos companheiros da Marinha por seu direito de organização e manifestação diante dos problemas nacionais.

Sinceramente se fôrça interessadas na manutenção da atual situação brasileira é que podem sentir-se ameaçadas pela firme posição mantida por êsse setor das Fôrças Armadas, em prol das reformas de base e da ampliação das liberdades democráticas.

Por isso mesmo não podemos deixar de estranhar a atitude do govêrno central que no mesmo momento em que vem assumindo posições reivindicadas pelo conjunto das fôrças populares se arrisca a apagar êste saldo positivo permitindo que sejam violadas fràntamente as liberdades democráticas em curso no país.

Exigimos o imediato levantamento do cêrco no sindicato dos metalúrgicos, onde se encontram reunidos os fuzileiros e marinheiros, e a plena garantia do direito de reunião, manifestação e associação dêsses bravos patriotas."

nacionalismo — reformas — socialismo

# novos rumos

ANO IV — EDIÇÃO EXTRA

Os marinheiros e fuzileiros navais estão acampados na sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara. Lutam pela reforma de um código arcaico, pelo direito de se organizarem nas suas associações, pelas reformas que o povo brasileiro reclama.

Durante a tarde de ontem, foram cercados e ameaçados. A sede do Sindicato dos Metalúrgicos estava para ser atacada pelos oficiais gorilas da Marinha. Fracassaram, entretanto, as tentativas de massacre porque a tropa não obedeceu ao comando da oficialidade. Os fuzileiros que foram para prender seus companheiros aderiram ao movimento. Ao fim da tarde, cabisbaixos e batidos, retiraram-se os gorilas. Ficaram os marujos acampados no Sindicato, de onde sairão segunda-feira.

Durante o desenrolar dos acontecimentos, sobressaiu a solidariedade dos trabalhadores, dos intelectuais, do povo em geral. O CGT colocou-se à frente das negociações para resolver a questão, mobilizando os trabalhadores para a solidariedade ativa aos marinheiros e fuzileiros. Colocou-se, [illegible] organizações sindicais e conclamou os trabalhadores a se dirigirem ao sindicato a fim de manifestarem ao vivo sua solidariedade.

Os primeiros frutos foram conquistados. Os marinheiros continuam no sindicato. O almirante-gorila já não é mais ministro. A solidariedade se intensifica, exigem os trabalhadores um novo ministro que não seja gorila.

Nas páginas 2 e 4, amplo noticiário sôbre os acontecimentos.

## O Exemplo de João Cândido

Na reunião de anteontem à noite no Sindicato dos Metalúrgicos estava presente o velho marinheiro João Cândido, comandante da revolta marujo contra a chibata em 1910. João Cândido, herói antigo, continua a lutar com sua simples presença solidária e moral. João Cândido é um elo vivo entre dois momentos de uma luta só — a luta dos marinheiros do Brasil por uma vida sem nenhuma espécie de chibata, escravismo ou moral ou chibata de verdade. João Cândido é uma ponte a unir dois episódios que são, com rigor, apenas um, só que desdobrado no tempo. João Cândido é o José Anselmo de ontem. José Anselmo é o João Cândido de hoje. Duas vidas em uma vida. Dois momentos de um momento.

Em sua última edição antes do Golpe militar, simpatia e radicalidade no apoio ao movimento dos marinheiros. Curiosamente nesta manisfestação ao lado do provocador cabo Anselmo, estava o nonagenário João Cândido, líder da Revolta da Chibata,da qual resultou o assassinato do tio de Mário Alves.

# Marinheiros Acampados Resitem aos Gorilas

Tendo como única arma os microfones do Sindicato dos Metalúrgicos, os quatro mil marujos que lá acamparam na noite de quarta-feira demitiram o ministro da Marinha e obrigaram os gorilas daquela arma a voltarem, derrotados, para suas casas.

Durante todo o dia de ontem, os marinheiros e fuzileiros navais mantiveram-se em assembléia geral, dispostos a não aceitar nenhuma punição contra a diretoria de sua Associação. Decidiram isso na presença do velho marinheiro João Cândido — o almirante negro de nossa armada; e com a liderança do bravo marujo José Anselmo mantiveram-se firmes apesar de terem às portas do Sindicato uma monumental máquina de guerra que, pela vontade de alguns oficiais do Corpo de Fuzileiros, iria "mandar o sindicato pelos ares". Entretanto, em nenhum momento os marinheiros perderam a calma. Sempre organizados, formaram corpos de alimentação, de segurança, de saúde e até mesmo de recepção às autoridades populares que lá chegavam a cada instante.

AS ADESÕES

Com a resolução de que se entregariam no Ministério da Marinha na manhã de segunda-feira, em solidariedade à diretoria da Associação, contra a qual o ministro Sílvio Mota havia expedido ordem de prisão, milhares de marujos lançaram-se numa luta frontal contra o ministro e o Almirantado, o qual, segundo João Cândido, "não mudou nada desde 1910", ano da Revolta da Chibata.

Tomaram essa decisão e sabiam que não seriam derrotados com facilidade, pois do lado dêles estava todo o corpo de subalternos da marinha e os trabalhadores, o povo. Os oficiais reacionários, porém, não pensavam da mesma forma, e por isso mandaram durante a manhã de ontem uma companhia de fuzileiros para "prender todo mundo". O que ocorreu com essa companhia é para ninguém nunca esquecer.

Logo que chegaram à porta do Sindicato dos Metalúrgicos os ônibus do Arsenal de Marinha com os fuzileiros, munidos de metralhadoras e capacetes de aço, os diretores da associação e todos os que estavam no interior da entidade colocaram-se junto ao portão do prédio, conclamando seus companheiros de farda a abandonar as armas e a entrar, solidarizando-se com os quatro mil que lá estavam. Emocionados até às lágrimas, o presidente da Associação, marinheiro José Anselmo, subiu nas grades do Palácio dos Metalúrgicos e lembrou a seus companheiros que "seus cárceres eram os mesmos, como eram os mesmos também suas necessidades e reivindicações". Em seguida, de dentro do sindicato cantou-se o Hino Nacional, que terminou com a abertura dos portões e os gritos de "entrem companheiros; entrem!".

Durante alguns segundos, criou-se uma expectativa, mas rompeu-a um fuzileiro que, jogando a metralhadora ao chão e retirando bruscamente o cinto e o capacete, lançou-se aos braços de seus companheiros. Um oficial que tentou barrar a porta foi retirado por um repórter e depois disso tôda a companhia entrava no Sindicato, em fila por um, enquanto se formava uma pilha de metralhadoras e capacetes que depois os oficiais tiveram de botar nos ônibus. Já não tinham mais a quem comandar.

O EXÉRCITO

Os oficiais do Corpo de Fuzileiros passavam sem ter o que fazer, pela rua Ana Neri, quando lá chegou um contingente do Exército. Eram cinco tanques, sete caminhões e dez choques da PE, sob o comando do coronel Ventura, que declarou não estar lá para prender ninguém. Recebida com palmas pelos marujos, a tropa do Exército ficou naquele local até a chegada de dois representantes da Casa Militar da Presidência da República: tenentes-coronéis Ciro Labarte e Pinto Guedes, que vieram parlamentar com a liderança da marujada em busca de uma solução.

Logo que se iniciaram os entendimentos, chegaram ao Sindicato dos Metalúrgicos os representantes do CGT, e ainda os deputados Hércules Corrêa, João Massena, Garcia Filho, Max da Costa Santos e Ferro Costa. Todos êstes e mais os marinheiros procuraram resolver o problema com os representantes do Presidente da República. Fecharam-se numa sala e discutiram por mais de uma hora, durante a qual os marujos rejeitaram duas propostas. Em seguida, chegou ao local o contra-almirante Luís Felipe Sinal, acompanhado de outra tropa de fuzileiros, de vários oficiais golpistas e ainda de um espião. Com a presença do nôvo comandante do corpo de fuzileiros, surgiu a possibilidade de um entendimento, mas os oficiais da Marinha alegaram que o problema pertencia só a êles próprios e que o resolveriam "nem que fôsse necessário tirar os jornalistas e baixar o pau". Êste foi o momento de maior expectativa. Foi quando os telefones começaram a chamar o Palácio das Laranjeiras e a CNTI; era o apêlo à Presidência da República, de um lado, e à ação sindical, de outro.

De fora, os oficiais da marinha eram tantos quanto os fuzileiros. Sargento, não havia nenhum. Para os oficiais, aquilo "era uma vergonha", e por isso achavam que "era necessário agir". Porém, os telefonemas dados de dentro do sindicato surtiram efeito. Chegava logo depois uma ordem do presidente da República determinando a retirada das tropas da Marinha. Nesse instante, os oficiais sublevaram-se, recusando-se a cumprir a ordem. Formaram uma aglomeração em tôrno do carro do contra-almirante Sinal e exigiram que êle desse a ordem de atacar, ao que êste respondeu: "Vocês são uns canalhas, retirem-se daqui, saiam-sai"; e, com a voz embargada, anunciou que se demitiria do comando do Corpo. Diante da atitude assumida pelo contra-almirante, só restou aos gorilas ir embora.

Enquanto se retirava, a tropa respondia com acenos aos aplausos dos marujos, mostrando que, se houvesse invasão do Sindicato, a adesão dos fuzileiros ia-se repetir lá dentro, deixando os oficiais nas mãos da marujada. Finalmente, por volta das 19 horas, o último soldado armado abandonava as imediações do sindicato, onde ficaram os marujos com seu protesto.

ASSEMBLÉIA GERAL

Logo que começaram os entendimentos com os tenentes-coronéis da Casa Militar, os marinheiros reuniram-se em assembléia geral, em que apreciariam uma fórmula que esperavam viesse a ser elaborada na reunião da diretoria com as autoridades. Apesar do malôgro dos entendimentos, a assembléia continuou, e festejou a retirada das tropas. Nesta ocasião, contava-se no local, além de deputados, cêrca de 10 representações sindicais, inclusive do Estado do Rio, que vieram prestar sua solidariedade. Por outro lado, a cada momento chegavam passeatas de trabalhadores, entre elas uma dos metalúrgicos e outra dos marítimos (que enviaram dois carros pipa para abastecer o Sindicato de água), dos têxteis e da Liga Feminina, e ainda da Petrobrás.

AQUI E ALI

— A reunião de quarta-feira foi preparada pelos marinheiros com todo um sistema de segurança pois patrulhas da marinha buscavam a diretoria para prendê-la. Por isso, quando o almirante João Cândido se retirou, o fez escoltado por dois carros, pois temia-se algum atentado.

— Todos os oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais que pretendiam fazer uma quinta-feira de sangue tomaram o grande cuidado de não se identificarem; entretanto um dêles abordado por um suposto policial que lhe oferecia ajuda, agradeceu e disse que "é prá baixar o pau, enquanto a gente mata êsses comunistas".

— O deputado Hércules Corrêa, interpelado a respeito do canhão que estava em frente ao Sindicato, respondeu calmamente que "aquilo não atira sòzinho".

— Durante a reunião a portas fechadas, o marinheiro José Anselmo rejeitou juntamente com o CGT e outras fôrças populares duas propostas apresentadas pelos oficiais. Ao explicar por que, o marinheiro levou quinze minutos, ao fim dos quais as autoridades consideraram-se convencidas.

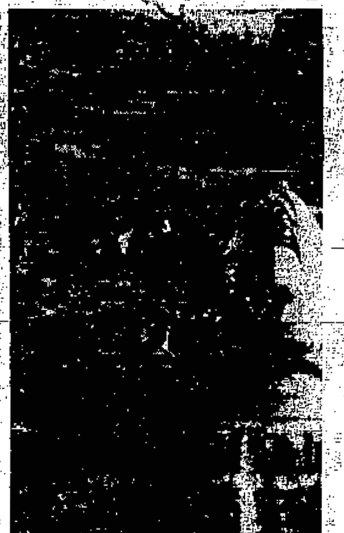
— O ministro do Trabalho, senador Amauri Silva, foi barrado pelo cordão de isolamento dos navais, entretanto o secretário do CGT Osvaldo Pacheco que o acompanhava, declarou que era "só querer que entro", depois de ter dito poucas e boas a um oficial.

— Pensando que controlava a situação, o então ministro Sílvio Mota entendeu-se com o almirante Golanó para que aquêle lhe mandasse um navio do Lóide para servir de prisão. Golanó negou-se terminantemente a cumprir o pedido.

— Logo que terminou a reunião, o tenente-coronel Pinto Guedes, perguntado sôbre o que ia acontecer, respondeu pensativo: "Sei lá".

— Além dos três mil marinheiros que estão no sindicato desde quarta-feira e dos trinta fuzileiros navais que aderiram na manhã de ontem, a cada momento chegam ao Palácio dos Metalúrgicos novas adesões, que já atingem a casa das centenas.

— O abastecimento dos marujos foi feito pela cooperativa do Sindicato dos Metalúrgicos e ainda por todo o movimento sindical da Guanabara, que envia a todo momento camionetas com gêneros e cobertores, que estão sendo administrados por senhoras da Liga Feminina.



## Ao Lado Dos Marinheiros

É bastante ler o bravo discurso do marinheiro José Anselmo no ato do Sindicato dos Metalúrgicos para que qualquer pessoa sensata se convença da absoluta justeza da luta em que estão empenhados os marujos brasileiros.

De um lado, a sua luta reflete os mesmos anseios patrióticos de todos os homens e mulheres que desejam um Brasil independente, livre e próspero. Batem-se os marinheiros pelas reformas de base e pelas alterações da Constituição pedidas ao Congresso pelo presidente da República.

De outro lado, empenham-se na conquista de suas próprias reivindicações, cuja legitimidade e urgência ninguém pode contestar. Que pedem os marinheiros? Pedem que seja atualizado o regulamento disciplinar da Marinha — tão anacrônico que o velho João Cândido chegou a afirmar não haver diferenças entre a situação de agora e a de 1910. Pedem que seja respeitado o seu direito de organização e de reunião, deixando o almirantado de intervir nos assuntos internos da Associação dos Marinheiros. Pedem que cesse o arbítrio com que são aplicadas faltas disciplinares nos dirigentes e associados da AMFB. Pedem que seja assegurada a estabilidade para os cabos, marinheiros e fuzileiros. Pedem, enfim, que seja dada anistia aos implicados no movimento de protesto de Brasília, quando se sabe que anistiados foram todos os gorilas das Aragarças e Jacareacanga.

Os trabalhadores, os democratas e tôda a opinião pública estão decididamente solidários com os bravos marujos, justificando e apoiando a sua luta. Não é mais admissível que continuem as perseguições dos gorilas — a chibata moral — contra os marinheiros, que suas condições de trabalho, inclusive a alimentação, continuem a se caracterizar pela crueldade de hoje.

Ao lado dos marujos está todo o povo brasileiro.

## Mais de Três Mil na Assembléia Resolveram Permanecer Juntos

"Nós extinguiremos a chibata moral que é a negação do nosso Direito de Voto e de nossos direitos democráticos" — afirmou o marinheiro José Anselmo, presidente da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais, em seu discurso de quarta-feira perante mais de 3 000 companheiros seus que manifestaram sua determinação de continuarem na luta, ao lado do povo brasileiro, pelas reformas de base e pela modificação do anacrônico regulamento a que estão submetidos, que lhes proíbem até o casamento.

ASSOCIAÇÃO

O discurso foi proferido no Sindicato dos Metalúrgicos, por ocasião da sessão solene do segundo aniversário da Associação, que vem sendo perseguida pelos oficiais gorilas da Marinha, com o apoio do ministro Sílvio Mota. Os marinheiros e fuzileiros reclamam o respeito ao direito de livre associação e o reconhecimento, pelas autoridades navais, da AMFB.

VOTO E REFORMAS

As perseguições já levaram vários líderes da marujada aos cárceres da Ilha das Cobras. São acusados de "subversivos"; mas a verdadeira subversão — denunciou José Anselmo — vem da parte daqueles que "agora impedem a realização das Reformas de Base" e "proibiram os marujos do Brasil, nos navios, de ouvir a transmissão radiofônica do Comício das Reformas".

Organizados em sua Associação, os marinheiros e fuzileiros navais vêm tomando consciência de que, nos navios e nos quartéis, vivem na mesma miséria que a maioria do povo brasileiro do campo e da cidade; e em muitos aspectos, sua situação é ainda pior, por culpa daqueles que defendem um regulamento disciplinar mais apropriado para animais do que para sêres humanos.

Essa compreensão leva-os a defender com intransigência a realização efetiva das Reformas de Base, particularmente a Reforma Agrária com a emenda do § 16 do art. 141 da Constituição; a apoiar os últimos atos assinados pelo presidente da República — decreto da SUPRA, encampação das refinarias particulares, tabelamento dos aluguéis — e a aplaudir com entusiasmo a Mensagem Presidencial enviada ao Congresso.

Sabem que, para melhor participar ao lado do povo brasileiro da luta histórica pelo desenvolvimento e libertação do Brasil, é preciso que a Constituição seja modificada também no capítulo do direito do voto e da elegibilidade. E não só para conceder aos marinheiros e fuzileiros êsses direitos, mas também aos soldados, cabos e aos analfabetos — a todos os marginalizados da vida política nacional, aquêles a quem negam tôda defesa contra a exploração, os que sofrem a maior miséria.

Para que essa participação seja efetiva, reclamam ainda os marujos a reforma do Regulamento Disciplinar da Marinha, verdadeira camisa de fôrça, que, muito mais que anacrônico, é desumano.

JOÃO CANDIDO

Estêve presente ao ato no Sindicato dos Metalúrgicos o ex-marinheiro João Cândido, que comandou a revolta dos marujos pela abolição do uso da chibata na Marinha. Sua presença mereceu demorados aplausos: é um símbolo, para a marujada, da luta até à vitória contra os métodos de discriminação e opressão.

PRESENTES

Estavam presentes à solenidade: Osvaldo Pacheco, representando o CGT; comandante Melo Bastos, presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Aéreos e membro do CGT; deputado Hércules Corrêa dos Reis, presidente do Sindicato dos Têxteis; deputado e general Henrique Oest; deputados João Massena, Adão Pereira Nunes, e sargento Garcia; deputado Max da Costa Santos, representando o Brizola.

As seguintes organizações fizeram-se representar: CGT, SUPRA, Liga Feminina, Associações da Polícia Militar, da FAB e de músicos militares; o Clube de Suboficiais e Sargentos da FAB; Federação dos Marítimos; UNETI; União Nacional dos Servidores Civis do Ministério da Marinha; UBES; DNERU.

Os portuários de Santos, operários navais; trabalhadores em petróleo da Bahia, Caxias, GB e Manáus, e marinheiros da Marinha Mercante também se fizeram representar.

DECISÃO

Ao tomarem conhecimento, durante a assembléia, de que o ministro Sílvio Mota já havia dado ordem de prisão aos organizadores do ato — entre êles o próprio presidente da Associação, José Anselmo —, os 3 000 marinheiros e fuzileiros presentes decidiram permanecer na sede do Sindicato dos Metalúrgicos até segunda-feira, quando se apresentarão às autoridades da Marinha.


**NOVOS RUMOS**

Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA.

Diretor
Orlando Bomfim Júnior

Diretor Executivo
Fragmon Carlos Borges

Redator Chefe
Luís Garrido

Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17.º andar, sala 1712 — Telefone 42.7344 —
Gerência: Rua Leandro Martins, 74, 1.º andar (Centro)
Endereço telegráfico: NOVOSRUMOS

EDIÇÃO DE MINAS GERAIS

Diretor
Elson Costa

Gerente
Ney Velloso

Redação e Administração: Rua dos Carijós 121, 2.º andar, S/201
Tel. 4-8666 — B. Horizonte

Sucursal de São Paulo
Rua 15 de Novembro 228, 8.º andar, sala 827 — Telefone 35-0153 —

Sucursal do Paraná
Rua José Loureiro, 133 — 3.º andar, S/311 — Curitiba

Assinaturas

| | | |
|---|---|---|
| Anual ...... | Cr$ | 1.500,00 |
| Semestral ... | " | 800,00 |
| Trimestral .. | " | 400,00 |

Assinatura Aérea

| | | |
|---|---|---|
| Anual ...... | Cr$ | 3.600,00 |
| Semestral ... | " | 1.500,00 |
| Trimestral ... | " | 800,00 |

x x x

| | | |
|---|---|---|
| N.º avulso .. | Cr$ | 20,00 |
| N.º atrasado | " | 30,00 |


## Trabalhadores Mobilizados Solidarizam-se Com os Marinheiros e Fuzileiros

Uma onda impressionante de solidariedade dos trabalhadores e do povo cercou os valentes marinheiros e fuzileiros em sua luta contra a gorilada da marinha, comandada por Sílvio Mota.

Tomando ciência das ocorrências que se verificavam na sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara, o CGT imediatamente mobilizou a solidariedade operária aos marujos e os seus dirigentes se puseram em campo para — através das negociações — revelar às autoridades que de forma alguma os trabalhadores permitiriam a violência que se pretendia perpetrar contra os marinheiros e fuzileiros. Da mesma forma, os sindicatos iniciaram também a se lançarem à mobilização dos trabalhadores de suas categorias para que fôssem às ruas protestar contra os gorilas e solidarizar-se com os bravos marinheiros.

PASSEATAS

Por volta das 10 horas, milhares de trabalhadores — metalúrgicos, marítimos, têxteis e de outras categorias — começaram a acorrer em passeata à rua Ana Nery. As 10,30, o Largo do Pedregulho era tomado por uma enorme massa humana, assim como o trecho da rua Ana Nery onde fica localizada a sede do sindicato. Com o correr da noite, dezenas de delegações de trabalhadores e entidades populares continuavam a chegar ao Palácio do Metalúrgico, levando sua solidariedade efetiva aos marujos. Solidariedade não só moral, mas material. Alimentos e abrigos em grande quantidade foram entregues aos acampados.

CTI

Também os intelectuais — através do CTI — levaram sua solidariedade aos marinheiros e fuzileiros. O embaixador Álvaro Lins, o cineasta Alex Viany, o poeta Moacir Félix e dezenas de outros intelectuais permaneceram durante horas ao lado dos marinheiros, participando inclusive — ao lado do CGT — das negociações com as autoridades, visando a solução pacífica do problema. Tôdas as entidades sindicais e populares manifestaram vigorosamente, por meio de declarações e notas, e verbalmente às autoridades, a exigência do afastamento do ministro gorila Sílvio Mota.

OUTRAS PROVIDENCIAS

O CGT, além das providências que tomou para encaminhar uma solução pacífica da questão junto às autoridades federais, alertou as organizações sindicais de todo o País sôbre a possibilidade do desencadeamento de uma greve geral em defesa das liberdades, contra os gorilas e golpistas que pretendiam massacrar os marinheiros e pelas reformas de base. Também adotou medidas no sentido de intensificar nestes dias, notadamente na segunda-feira — quando os marinheiros deverão se apresentar nos quartéis, as manifestações de massa em apoio aos bravos homens do mar. Em princípio, está programada, para segunda-feira, uma passeata que, partindo da Praça XV, deslocar-se-á até o Ministério da Marinha, acompanhando os três mil marinheiros e fuzileiros.

SOLIDARIEDADE

Além dos manifestos do CGT e da UNE, que são publicados em outros locais desta edição, divulgaram notas de apoio aos marinheiros as seguintes entidades: Sindicato dos Marítimos, Associação dos Cabos e Soldados das Polícias Militares do Brasil, a Confederação Nacional dos Servidores Públicos, a Federação Carioca dos Servidores Públicos, a União Nacional dos Servidores Civis do Ministério da Marinha, a União dos Previdenciários do Brasil e a União Nacional dos Servidores Públicos.

## Servidores do SAMDU Solidarizam-se Com Marujos

Em assembléia-monstro, realizada ontem no Sindicato dos Têxteis, os servidores do Serviço Médico Domiciliar de Urgência, que exige o cumprimento das conquistas alcançadas pela categoria, concretizadas nas sete portarias do Ministério do Trabalho, enviaram mensagem de solidariedade à Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil e particularmente ao marinheiro José Anselmo, "vítima da sanha reacionária do almirantado, desesperado com o crescimento da luta de emancipação da nossa pátria".

## «O Globo» Caracterizou

Se existisse alguma dúvida acêrca da posição antidemocrática e provocadora em que se situou o almirante Sílvio Mota, bastaria o editorial de ontem para desfazer a dúvida.

Que diz o órgão oficial da embaixada norte-americana, — jornal que, segundo acaba de confessar uma enciclopédia ianque, é «subsidiado pelos Estados Unidos»? Rasga elogios ao ministro demitido, considerando-o um padrão de «fidelidade à democracia».

Mas em que consiste a «democracia» de «O Globo» e Sílvio Mota? Em esmagar pela violência as aspirações da marujada a condições mais dignas de vida e de trabalho e os anseios patrióticos pelas reformas de base e a libertação nacional. «Democracia» é a gorilada impor aos marinheiros, em nome da disciplina militar, normas arbitrárias que lembram as jornadas de João Cândido. «Democracia» é o marinheiro receber um sôldo de ... 4.500 cruzeiros mensais — um décimo do salário mínimo. «Democracia» é o ex-ministro da Marinha querer dissolver a Associação dos Fuzileiros — reduzindo a nada o direito de reunião — e prender marujos às dezenas por apoiarem as lutas do povo pelas reformas de base, enquanto os gorilas conspiram impunemente.

Precisamente porque o almirante Sílvio Mota se colocou a serviço dessa «democracia», teve os aplausos de «O Globo».

Acontece que êsses aplausos caracterizam uma posição aberta e irremediàvelmente antidemocrática. E isso foi comprovado pelos acontecimentos posteriores no editorial do órgão da embaixada americana.

## Reação e Palhaçada

No desenfreio da exploração dos sentimentos religiosos de uma grande parcela de nosso povo, os reacionários decidiram encenar tôdas as semanas a sua hipócrita «Marcha com Deus». Depois da capital de São Paulo, coube a vez a Santos.

Como se viu em relação à primeira, repetiram-se nesta «Marcha» não só os aspectos deprimentes da histeria reacionária contra as reformas, mas também os detalhes do embuste e do ridículo.

Um dêsses detalhes é o que se refere ao número de participantes. Na «Marcha» de São Paulo, êsse número variou de 1 milhão a 150 mil. Agora, em Santos, repete-se a palhaçada aritmética. Enquanto o «O Jornal» assegura que se reuniram em Santos 200 mil pessoas, o «Estado de São Paulo» desce para 80 mil, a «Tribuna da Imprensa» baixa para 70 mil e o «Jornal do Brasil» (o — pasmem todos — também «O Globo») fica nos modestos 30 mil.

Como se vê, os inimigos das reformas já não se limitam a envolver o nome de Deus em sua histeria reacionária. Envolvem-no também na mais ridícula palhaçada dos números.

COMUNISTAS SAUDAM 1º DE MAIO:

# Defender Cuba é um Dever Patriótico e Revolucionário

[illegible]

MARIANI EXPÕE A POLÍTICA DO GOVÊRNO

# DINHEIRO PARA OS LATIFUNDIÁRIOS DEVE SER PAGO PELOS TRABALHADORES

[illegible]

## CONFERÊNCIA SÔBRE LÊNIN

[illegible]

## Nota Econômica

# TUDO NOS UNE, MAS O FMI NOS SEPARA

[illegible]

José Almeida

## O QUE GIRÓN NOS ENSINA

MARIO ALVES

[illegible]

## Fora de Rumo

Paulo Mello Lima

## Violência policial: prêso Gregório Bezerra

[illegible]

Uma das raras fotos de Mário em suas aparições públicas: conferência sobre Lênin na Assembléia Legislativa do Rio.